



**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA**  
**CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**HABILITAÇÃO: JORNALISMO**  
**MONOGRAFIA ACADÊMICA**  
**ÁREA: JORNAL-LABORATÓRIO**  
**MATRÍCULA Nº 2016513/7 LEILA DOURADO NEVES**  
**PROFESSOR ORIENTADOR: FERNANDO BRAGA**

**JORNAL-LABÓRATÓRIO: TEORIA E PRÁTICA**  
**UM ESTUDO DE CASO DO JORNAL-LABORATÓRIO ESQUINA.**

**Brasília, DF**  
**Junho, 2005**



**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA**  
**CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**HABILITAÇÃO: JORNALISMO**  
**MONOGRAFIA ACADÊMICA**  
**ÁREA: JORNAL-LABORATÓRIO**  
**MATRÍCULA Nº 2016513/7 LEILA DOURADO NEVES**  
**PROFESSOR ORIENTADOR: FERNANDO BRAGA**

**JORNAL-LABÓRATÓRIO: TEORIA E PRÁTICA**  
**UM ESTUDO DE CASO DO JORNAL-LABORATÓRIO ESQUINA.**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**COM O OBJETIVO DE APROVAÇÃO EM**  
**MONOGRAFIA PARA GRADUAÇÃO**  
**EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**Brasília, DF**  
**Junho, 2005**



**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA**  
**CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**HABILITAÇÃO: JORNALISMO**  
**MONOGRAFIA ACADÊMICA**  
**ÁREA: JORNAL-LABORATÓRIO**  
**MATRÍCULA Nº 2016513/7 LEILA DOURADO NEVES**  
**PROFESSOR ORIENTADOR: FRNANDO BRAGA**

**MEMBROS DA COMISSÃO EXAMINADORA**

<b>MEMBROS DA COMISSÃO</b>	<b>ASSINATURA</b>
1. PROFESSOR ORIENTADOR Professor: Fernando Braga	
2. PROFESSOR CONVIDADO (A) Professor: João José Forni	
3. PROFESSOR CONVIDADO (B) Professor: Severino Francisco da Silva Filho	
<b>MENÇÃO FINAL:</b>	

**Brasília/DF, 17 de junho de 2005**

## DEDICATÓRIA

Ao João, o amor da minha vida, que em todos os momentos mostrou apoio, compreensão e amizade.

Aos meus pais pelo apoio e amizade. E aos meus amigos, que sempre estiveram comigo mesmo nos momentos de angústia.

## AGRADECIMENTO

Agradeço, a Deus, que por me amar tanto, me deu a oportunidade de cursar uma faculdade e de me tornar uma jornalista.

Ao professor Fernando Braga pela orientação, conhecimento compartilhado e pelas horas dedicadas às revisões.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, direta ou indiretamente, e que não foram mencionados: muito obrigada!

## EPÍGRAFE

“Só um jornal-laboratório é capaz de despertar não a vocação em si do jovem aprendiz, mas a sua capacidade criadora intimamente associada ao desempenho melhor da atividade jornalística”.

(Sampaio)

## RESUMO

Esta monografia teve como objeto de pesquisa o jornal-laboratório Esquina. Foram analisadas as diferenças entre o prescrito e o real nas ações do jornal-laboratório, buscou-se neste estudo contribuir para a melhoria da instituição, dos profissionais formados por ela e principalmente da sociedade. O jornal-laboratório apesar de ser um tema antigo, ainda é pouco explorado como trabalho científico e com pouca bibliografia disponível. Utilizou-se a metodologia de pesquisas em livros, teses, dissertações que falam sobre jornal-laboratório. Além de pesquisas realizadas em documentos e livros, fontes oficiais de informação, foram realizadas entrevistas com os professores responsáveis pelo Esquina e pela Coordenação do Curso de Comunicação Social Jornalismo. A Internet também foi utilizada como fonte de atualização e pesquisa. Em geral observou-se que o principal público alvo do jornal-laboratório Esquina são os jornalistas, porém o jornal não tem uma publicação voltada a esse público. Foi observado nas edições pesquisadas que o jornal Esquina tem demonstrado grande preocupação em apurar as notícias com responsabilidade e imparcialidade. Recentemente o Esquina passou por várias mudanças, projeto gráfico e diagramação específicos para formato *standard* que substitui o formato tablóide. A pesquisa teve como principal limitação, o fato de não existir memória do Jornal Esquina. A primeira edição encontrada nos arquivos da biblioteca é de 2001. Como sugestão para pesquisas futuras, pode-se elaborar questionários com perguntas abertas e fechadas com o objetivo de conhecer a opinião dos jornalistas a respeito do tema jornal-laboratório.

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	8
1	METODOLOGIA.....	11
	1.1. Tipo de pesquisa.....	12
	1.2. Objetivos de estudo.....	13
2	JORNAL-LABORATÓRIO.....	14
	2.1. Histórico.....	14
	2.2. Histórico da criação das diretrizes circulares do Ministério da Educação em 1997.....	19
3	EMBASAMENTO TEÓRICO .....	22
	3.1. A teoria em jornal laboratório.....	22
	3.2. Relatos de experiências.....	27
	3.2.1. O “Campus” .....	27
	3.2.2. O “Marco” .....	28
	3.2.3. O Rudge Ramos Jornal.....	31
4	EXEMPLOS DE JORNAIS-LABORATORIO ATUAIS.....	33
5	ÉTICA NO JORNAL-LABORATORIO .....	36
6	UNICEUB E O JORNAL-LABORATÓRIO ESQUINA.....	46
	CONCLUSÃO .....	51
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	54
	ANEXO A.....	56
	ANEXO B.....	65
	ANEXO C.....	70

## **INTRODUÇÃO**

### **Jornal-laboratório**

Este trabalho é um estudo de caso do jornal-laboratório Esquina do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), em que analisou-se a importância deste veículo de experimentação na formação dos futuros jornalistas que estudam nesta referida instituição de ensino. Apontar soluções, e não só as falhas, foi a postura adotada neste trabalho, já que o Esquina é um importante instrumento para que o aluno experimente na prática as lições teóricas, absolutamente imprescindíveis para a conscientização do saber fazer, mas saber o porquê. Além disso, o laboratório é um espaço onde se pode despertar não só a vocação em si do jovem aluno, mas também a criatividade.

O objetivo geral deste estudo foi analisar as diferenças entre o prescrito e o real nas ações do jornal-laboratório, procurando sempre contribuir para a melhoria da instituição, dos profissionais formados por ela, e, principalmente, da sociedade, que é ao mesmo tempo exigente e necessitada de qualificados serviços.

Os objetivos específicos foram: 1) Mostrar a importância do jornal-laboratório trabalhar com o público-alvo específico, identificando o conceito de jornal laboratório, delineando as definições de público e a forma como o jornal-laboratório deve se relacionar com ele; 2) Explicar o que é um jornal-laboratório comunitário e a importância do mesmo na formação do futuro profissional; 3) Mostrar a importância do futuro profissional conhecer as necessidades da comunidade às quais se dirige; 4) Mostrar a

importância da ética na confecção de um jornal-laboratório, apresentando exemplos de falta de ética e compromisso com o leitor.

Na realização deste estudo de caso, a maior dificuldade encontrada foi a falta de registros oficiais sobre o jornal-laboratório Esquina. De acordo com o Secretário Geral do UniCEUB, Maurício de Sousa Neves Filho, um dos funcionários mais antigos que está na instituição desde 1970, a inauguração da Faculdade de Comunicação Social aconteceu em 09/09/1974. Um ano depois foi inaugurado o jornal-laboratório Esquina. O diretor da Faculdade na época era Oscar Gomes Ramagem e o Coordenador, Esaú Carvalho.

Neste primeiro semestre de 2005 está sendo elaborado uma edição especial dos 30 anos da criação do jornal, mas o primeiro exemplar registrado no banco de dados da biblioteca é de 2001. Todos os arquivos anteriores foram perdidos. Em anexo cópias do Esquina, um deles datado de 2001. No livro intitulado A História do CEUB, 1998, de autoria do professor Alberto Peres, podemos encontrar a primeira referência da existência do jornal Esquina. Diz o texto na página 115, que trata do CEUB e a Cultura:

“Para propiciar treinamento dos alunos do Curso de Comunicação, foi editado o jornal do CEUB Esquina”.

Outra citação sobre a existência do jornal-laboratório foi encontrada no mesmo livro, página 181, quando o autor conta que extraiu do noticiário algumas manchetes significativas sobre a história da instituição. Diz o texto: “Estudantes do CEUB denunciam censura contra jornal-laboratório” Correio Braziliense 18 de abril de 1979.

O Capítulo 2 apresenta um histórico sobre o ensino do jornalismo ligado ao jornal laboratório. No Capítulo 3 mostra-se um embasamento aprofundado do tema a ser desenvolvido neste trabalho. No Capítulo 4 os exemplos de jornais-laboratório em alguns países. No Capítulo 5 é abordado a ética no jornal-laboratório. O Capítulo 6 trata especificamente do jornal-laboratório Esquina.

Por fim, na conclusão e nas recomendações, são discutidos os resultados da experiência.

Após o conhecimento da teoria referente ao jornal-laboratório, as características, a identificação da situação problema dos objetivos gerais e específicos, é possível afirmar que este trabalho é relevante por propiciar uma reflexão da prática realizada pelo jornal Esquina. É um trabalho onde a antigas definições, pois existe pouca bibliografia disponível, porém é capaz de apontar lacunas muito atuais. É oportuno por proporcionar a correção de possíveis falhas no processo existente do jornal-laboratório Esquina.

## 1 METODOLOGIA

Segundo Gil, no capítulo metodológico:

Descrevem-se os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa. A organização varia de acordo com as peculiaridades, porém, requer no entanto, o desenvolvimento dos seguintes tópicos :

- **Tipo de pesquisa:** deve-se esclarecer se a pesquisa é de natureza exploratória, descritiva ou explicativa. Convém ainda, esclarecer acerca do tipo de delineamento a ser adotado (pesquisa experimental, levantamento, estudo de caso, pesquisa bibliográfica, etc.);
- **População e amostra:** envolve informações acerca do universo a ser estudado, da extensão da amostra e como será selecionada;
- **Coleta de dados:** envolve a descrição das técnicas a serem utilizadas para a coleta de dados. Modelos de questionários, testes, ou escalas deverão ser incluídos, quando for o caso. Quando a pesquisa envolver técnicas de entrevista ou de observação, deverão ser incluídos nessa parte também os roteiros a serem seguidos;
- **Análise de dados:** Envolve a descrição dos procedimentos a serem adotados tanto para a análise quantitativa (p. ex: teste de hipótese, testes de correlação) quanto qualitativa (p. ex: análise de conteúdo de discurso). (GIL 2003, p. 162-63).

De acordo as informações apresentadas anteriormente, faz-se necessário criar um roteiro, descrever um procedimento para realizar o estudo com sucesso. Sendo assim, esse esquema será detalhado abaixo, levando em conta o tema e os objetivos deste estudo.

### **1.1. Tipo de pesquisa**

Primeiramente, é preciso definir pesquisa. Segundo Gil (2003. p, 162,163), “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objeto proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

É preciso ainda classificar a pesquisa a ser realizada. De acordo com os objetivos traçados, faz-se necessário para a realização os três tipos de pesquisa: a explicativa, a descritiva e a exploratória. No caso aqui apresentado, é fundamental descrever a importância do jornal-laboratório Esquina como um instrumento de articulação teórico-prático no curso de Jornalismo, avaliando o jornal à luz da teoria e da prática.

As informações para análise deste trabalho foram levantadas a partir da pesquisa bibliográfica, documental e exploratória, popularmente conhecida como pesquisa de campo. Para realização deste trabalho foram realizadas pesquisas em livros, teses, dissertações que tratam de jornal-laboratório. Além de pesquisas realizadas em documentos e livros fontes oficiais de informação, foram feitas entrevistas por e-mail, pessoalmente e por telefone com os professores responsáveis

pelo Esquina e pela Coordenação do Curso de Comunicação Social Jornalismo. A Internet também foi utilizada como fonte de atualização e pesquisa.

## **1.2. Objetivo de estudo**

O objetivo de estudo deste trabalho é analisar a diferença entre a teoria e a prática no jornal-laboratório Esquina.

## 2 JORNAL-LABORATÓRIO

### 2.1. Histórico

A prática de produção de jornais-laboratório nos cursos de formação de jornalistas teve início, segundo Lopes (1989), em 1908, nos Estados Unidos com a Escola de Jornalismo da Universidade de Missouri, que apresentava no currículo, paralelamente às disciplinas de conteúdo mais humanístico, como Língua e Literatura, Sociologia, História e Política, a parte prática envolvendo reportagem, secretaria, chefia de redação e oficinas. As aulas práticas eram ministradas de modo a reproduzir o funcionamento de uma redação, com os professores como diretores e chefe de redação, e os alunos nas funções de redatores, repórteres e secretários. Essa aula prática procurava reproduzir o dia-a-dia da redação de um jornal, para aproximar a teoria aprendida no curso de Jornalismo com a prática profissional.

Eram publicadas, diariamente na Universidade de Missouri, uma edição do jornal com quatro páginas. Essa experiência acabaria servindo de inspiração, como lembra Lopes (1989, p. 25) dez anos depois, para a criação da primeira escola de Jornalismo no Brasil, que tinha como meta proporcionar aos alunos o ensino de disciplinas consideradas essenciais à prática da profissão. Mas a escola não chegou a ser implantada.

A primeira tentativa de instalação de um curso de jornalismo, em nível universitário, ocorreu na década de 1930, pela iniciativa do educador baiano Anísio

Teixeira, que criou no Rio de Janeiro, em 1935, a Universidade do Distrito Federal. Nessa instituição pioneira de ensino superior, Anísio Teixeira incluiu uma multiplicidade de cursos, inclusive o de Jornalismo, confiando a implantação ao jornalista Costa Rego.

A Universidade do Distrito Federal destina-se principalmente a oferecer conhecimentos de assuntos sociais e de deontologia da profissão, nos mesmos moldes das experiências européias que buscavam valorizar as formações humanísticas do profissional, inculcando-lhe também valores éticos. Contudo, a experiência teve vida curta, já que o Estado Novo liquidou a estrutura universitária da Universidade do Distrito Federal. Atendendo a apelos da ABI, o próprio governo Getúlio Vargas, que havia acabado com a experiência de Anísio Teixeira, fechando a Universidade do Distrito Federal, instituiu o curso de jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia, pelo Decreto n. 5.480, de maio de 1943, que funcionaria na Universidade do Brasil somente em 1948. O ensino de jornalismo, entretanto, só teria suas diretrizes pedagógicas estabelecidas em 1946, quando o ministro da Educação Ernesto de Souza Campos fixou uma estrutura curricular e definiu outras providências de natureza didática (LOPES 1989, p. 24).

Em 1947, iniciava o curso de Jornalismo da Casper Líbero junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação São Paulo, mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Segundo Lopes (1989, p. 25), o curso só adquiriu autonomia, pelo decreto nº 43.839, de seis de junho de 1958, permitindo que fosse ministrado o ensino de Jornalismo em entidade autônoma, surgindo a Faculdade de Jornalismo Casper Líbero.

Em 1948, instalava-se o curso de jornalismo da Universidade do Brasil. Em três anos, a Casper Líbero formou 49 alunos, apresentando vantagens em relação ao curso do Rio de Janeiro: treinamento técnico-profissional, conferências e cursos complementares de extensão, com um jornal-laboratório mensal (LOPES, 1989). A escola Casper Líbero mantém desde a fundação o mensário *A Imprensa* a cargo de estudantes. (RIZZINI *In* Lopes, 1989 pg. 26).

A Universidade Católica de Pernambuco criou em 1961 o curso de jornalismo, cujo diretor era Luiz Beltrão. Ele sugeriu uma reestruturação no curso com os seguintes objetivos:

- a) Formar profissionais capacitados para o exercício de todas as funções do processo de comunicação de atualidades;
- b) Realização de pesquisas com a finalidade de atualizar os padrões técnicos da imprensa e observar a sua influência junto à opinião pública;
- c) Implantar laboratórios experimentais que pudessem funcionar como centros de renovação dos padrões jornalísticos vigentes.

De acordo com Melo (1972. p, 08), o ensino do Jornalismo no país passou por três fases definidas:

1ª. Fase – De 1946 a 1960, quando surgem os primeiros cursos, e, depois, as Escolas, com a implantação de experiências pedagógicas de inspiração européia ou norte-americana.

2ª. Fase – De 1961 a 1969, quando o CIESPAL começa as atividades na América Latina, propondo novos padrões de ensino e introduzindo a mentalidade da pesquisa científica.

3ª Fase – De 1969 aos nossos dias, quando a profissão do Jornalismo é regulamentada, tornando-se privativa dos portadores de diplomas de nível superior. Como consequência disso, as Universidades começaram a despertar para a significação do preparo de profissionais para a imprensa, mais adequados à realidade brasileira e integrados no esforço de desenvolvimento nacional.

A profissão de jornalista só foi regulamentada em 1969, tornando obrigatório o diploma de nível superior. A partir de então, as Universidades começaram a intensificar a preocupação com a preparação de profissionais para a imprensa, buscando novos métodos de ensino, considerados mais adequados à realidade brasileira. Foi também em 1969 que o Conselho Federal de Educação modificou a legislação específica dos cursos de Jornalismo, ampliando o conceito para abranger todas as formas de atuação profissional em Comunicação Social atualmente em vigor. No Parágrafo 631/69 da legislação em vigor ficou estabelecido, que os cursos de jornalismo teriam que ser equipados com: **I Jornal- laboratório**, II – Estúdio laboratório para rádio, TV, cinema, III – Atelier de publicidade, IV, Escritório de Pesquisa de opinião e Mercadologia.

Os órgãos laboratoriais começam uma mudança nos cursos dando início a uma articulação teórica-prática, fundamental na formação do jornalista. O avanço do ensino profissionalizante, calcado mais na prática, embora embasado em fundamentação teórica, teve seu ponto alto na resolução que fixa o currículo mínimo para o curso de Comunicação Social. Determina em seu artigo 4º: “A aplicação prática dos conhecimentos obtidos pelos alunos nas diferentes áreas de formação se fará através de: a) projetos experimentais realizados nos laboratórios pela própria escola; b) estágios profissionais realizados em empresas privadas ou órgãos públicos que mantenham atividades vinculadas à natureza da respectiva habilitação” (MELO *In* Lopes, 1989, p. 23).

O currículo mínimo para a formação de profissionais nas habilitações de Jornalismo, que conferia o grau de Bacharel em Comunicação Social, cedeu lugar às Diretrizes Curriculares no ano de 1997, regulamentadas pelo Ministério da Educação. Elas estabeleceram orientações para a obtenção de um padrão de qualidade na formação oferecida.

São competências e habilidades específicas do Curso de Jornalismo, de acordo com essas Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação, os seguintes itens:

- Registrar fatos jornalísticos, apurando, interpretando, editando e transformando-os em notícias e reportagens;
- Interpretar, explicar e contextualizar informações;
- Investigar informações, produzir textos e mensagens jornalísticas com clareza e correção e editá-los em espaço e período de tempo limitados;
- Formular pautas e planejar coberturas jornalísticas;
- Formular questões e conduzir entrevistas;
- Relacionar-se com fontes de informação de qualquer natureza;
- Trabalhar em equipe com profissionais da área;
- Compreender e saber sistematizar e organizar os processos de produção jornalística;
- Desenvolver, planejar, propor, executar e avaliar projetos na área de comunicação jornalística;
- Avaliar criticamente produtos, práticas e empreendimentos jornalísticos;
- Compreender os processos envolvidos na recepção de mensagens jornalísticas e seus impactos sobre os diversos setores da sociedade;
- Buscar a verdade jornalística, com postura ética e compromisso com a cidadania;

- Dominar a língua nacional e as estruturas narrativas e expositivas aplicáveis às mensagens jornalísticas, abrangendo-se leitura, compreensão, interpretação e redação;
- Dominar a linguagem jornalística apropriada aos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação.

## **2.2. Histórico da criação das diretrizes curriculares do Ministério da Educação em 1997**

Segundo o Ministério da Educação, um dos princípios fundamentais das Diretrizes Curriculares é o estímulo às práticas de estudo independentes, visando a progressiva autonomia profissional e intelectual do aluno de forma a encorajar maior aproveitamento do conhecimento, habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar. Inclusive as que se referem à experiência profissional julgada relevante para a área de formação escolhida, fortalecendo a articulação da teoria com a prática, valorizando a pesquisa individual e coletiva, com estágios, e a participação em atividades de extensão, as quais poderão ser incluídas como parte da carga horária.

Os objetivos e metas das diretrizes curriculares contemplam orientações para atividades de estágio e demais atividades que interam o saber acadêmico à prática profissional, incentivando o reconhecimento de habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar.

As propostas para a implantação das diretrizes curriculares dos cursos de graduação se deram no ano de 1997.

O processo de discussão iniciou com a publicação do Edital n.º 4/97, convocando as IES a apresentarem propostas para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação, a serem sistematizadas pelas Comissões de Especialistas de Ensino de cada área. A discussão das diretrizes curriculares mobilizou uma ampla parcela da comunidade interessada, com o objetivo de conferir legitimidade ao processo. Foram encaminhadas aproximadamente 1200 propostas, provenientes de universidades, de faculdades, de organizações profissionais, de organizações docentes e discentes. A maioria das propostas é oriunda da própria comunidade acadêmica. Convém destacar a ampla participação tanto do setor público quanto do setor privado na organização de seminários e encontros para debate, com a presença da SESu/MEC. O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação - ForGrad - desempenhou papel importante na discussão e na sistematização das propostas de diretrizes curriculares encaminhadas pelas universidades. Esgotado o prazo estabelecido pelo Edital n.º 4/97, as Comissões de Especialistas de Ensino - CEEs foram convocadas para sistematizarem as sugestões apresentadas e produzirem as propostas a serem encaminhadas ao Conselho Nacional de Educação. A partir de dezembro de 1998, as primeiras propostas sistematizadas foram divulgadas na Internet, com o objetivo de suscitar sugestões e críticas ao documento inicial. Além do debate eletrônico, a maioria das áreas promoveu encontros e seminários em todo o país, para consolidação das propostas. A SESu/MEC recebeu as sugestões e as críticas sobre os documentos sistematizados para que fossem agregadas à versão final a ser divulgada na Internet e posteriormente encaminhada ao CNE. Este processo estendeu-se por, aproximadamente, dois meses em cada uma das áreas. Mec 20/04/2005 (parecer CES 492/2001).

As Diretrizes Curriculares, assim regulamentadas, possibilitam às Universidades grande abertura para inovações e práticas diferenciadas no ensino da Comunicação Social. Para o Ministério da Educação, é importante flexibilizar a estrutura dos cursos, tanto para atender a variedade de circunstâncias geográficas, político-sociais e acadêmicas, quanto para ajustar-se ao dinamismo da área, viabilizando o surgimento de propostas pedagógicas inovadoras e eficientes.

Portanto, é visível que se essa flexibilização da estrutura dos cursos for bem aproveitada, levando o aluno a compreender os reais problemas e aspirações da realidade em que se vive, teremos profissionais muito mais conscientes e com mais responsabilidade ética. As práticas laboratoriais tão citadas pelo MEC devem dar ao

futuro profissional, subsídio para o conhecimento da realidade em que se vai atuar. Para Fadul (1979), “a escola deve e pode ter uma relação vital com a comunidade (...). Isso completa o laço teórico-prático do ensino de jornalismo”.

### **3 EMBASAMENTO TEÓRICO**

#### **3.1. A teoria em jornal laboratório**

As palavras de Sampaio (1972) definem muito bem a filosofia de um jornal-laboratório. Segundo ele, é muito importante compreender a instrumentação para que o aluno experimente, na prática, as lições teóricas, absolutamente imprescindíveis, para a conscientização do SABER FAZER, MAS SABER PORQUE. Além disso, lembra ainda Sampaio (1972), só o laboratório é capaz de despertar, não a vocação em si do jovem aprendiz, mas a sua capacidade criadora, intimamente associada ao desempenho melhor da atividade jornalística. No terreno da criatividade – uma palavra que nem consta em nossos dicionários - inerente a qualquer atividade comunicativa, o laboratório desempenha papel importantíssimo de estímulo e, ousamos dizer, de disciplinador. O confronto com a máquina, proporciona o desafio que representa as limitações que ela traz e as limitações que a ela impomos, num jogo de imaginação e imensurável valor pedagógico e didático.

O conceito de jornal-laboratório foi definido no VII Encontro de Jornalismo Regional sobre órgãos laboratoriais impressos. O evento aconteceu em outubro de 1982, na Faculdade de Comunicação de Santos. Ficou estabelecido que:

O jornal-laboratório é um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica.

Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional.

Nesse mesmo encontro também ficaram estabelecidas as definições de público, e o modo como um jornal-laboratório deve se relacionar com ele. Foram definidos três tipos de comunidade-receptora dos jornais-laboratório: *interna* – público formado pela população acadêmica da própria escola, ou seja, alunos, professores dirigentes e funcionários; *externa* – público formado pela população de uma região, bairro ou grupo mais específico de pessoas; e *misto* – quando atinge parcela ou segmentos das duas primeiras.

Segundo Beltrão (*In* Lopes, 1989, p. 49) o jornal-laboratório permite que o aprendiz de jornalismo se exercite na capacitação e análise dos problemas de sua comunidade, de seu país e da civilização. Para Lopes (1989, p. 57), somente um jornal-laboratório comunitário é capaz de ser um trabalho em que o estudante possa, de fato, ter todas as características que definem um jornal de verdade. Só dessa forma poderá treinar e tornar-se realmente habilitado para a profissão que escolheu.

É muito importante para a formação profissional que o estudante realmente conheça a realidade em que vai trabalhar. O jornal-laboratório não deve se tornar apenas mero treinamento escolar. Para Lopes (1989, p. 16), não basta publicar jornal apenas para satisfazer a vaidade pessoal do aluno ou cumprir tarefas determinadas pelo professor. É fundamental que o jornal-laboratório seja definido com todas as características de um jornal profissional, uma publicação que leve a comunidade a tomar consciência de seus problemas e a organizar-se para resolvê-los. Dessa forma o estudante poderá estar realmente habilitado para o mercado de trabalho. Anamaria Fadul (1979) sustenta que é indispensável que os órgãos laboratoriais sejam feitos em

cima das necessidades dos diferentes movimentos, como sindicatos, empresas e comunidades. Para ela, os laboratórios têm que reproduzir a complexidade real da sociedade. Para Jaci (*In Melo 1979*, p. 140), “não se pode prescindir de laboratórios, salas e estúdios capazes de garantir a prática das disciplinas que nada significam enquanto não se transformam em serviços reais à comunidade humana”.

A partir do momento que se elabora o jornal-laboratório sem uma preocupação social e sem público-alvo, o jornal nasce sem identidade e sem motivações, conforme explica José Marques de Melo.

O jornalismo só adquire significado enquanto atividade de informação coletiva na medida em que se estrutura a partir de necessidades existentes numa comunidade, numa sociedade, e busca atender a essas aspirações ou tenta influir na sua configuração” O processo jornalístico origina-se nas expectativas de um público determinado e completa-se quando as notícias e seus comentários chegam àquele contingente humano e provocam reações. Alimentar esse fluxo interativo junto ao público receptor e alimentar-se dele é uma contingência de qualquer processo jornalístico que se pretende dinâmico. “Experiências que se esgotam na etapa de produção ficam pela metade, pois não se configurou plenamente um processo de informação, na medida em que os conflitos foram escamoteados. Quando editamos jornais, telejornais ou boletins nos cursos de Jornalismo sem ter um público definido, real, corremos o risco de realizar experiências à nossa imagem e semelhança, quer dizer, fazemos jornalismo para nós mesmos, segundo nossos interesses e motivações ou então imaginando o que seria desejável para os outros. É fundamental elaborar órgãos laboratoriais que sejam produzidos e orientados visando a uma parcela da sociedade, capaz de dar vida, provocar movimentação e motivação às tarefas didáticas dos alunos e à orientação dos professores (MELO *in* Lopes, 1980 p. 60-61).

Já Lopes (1989), sintetiza que é preciso considerar que o jornal-laboratório é uma prática jornalística, mas não esquecer que é também laboratório de aprendizagem fundamentado em diretrizes pedagógicas e didáticas. Segundo ele é imprescindível que o jornal-laboratório atenda a três aspectos para atingir aos objetivos, libertando-se do mero exercício escolar: 1) definição do âmbito de cobertura, 2) público definido, e 3) periodicidade. O autor alerta que os laboratórios de generalidades, absolutamente desenraizados de uma área geo-social, correm o risco de vir a ser muito mais

exercícios de crônicas do que reportagens. “O aluno só trabalha num contexto real se tiver um público definido. No momento em que professores e alunos responsáveis pela produção, edição e distribuição de um jornal-laboratório se definem por uma determinada comunidade, é fundamental que o público tenha participação no planejamento, forma e conteúdo da apresentação. Nesse novo conceito de jornal-laboratório, deixando de fazer apenas um exercício, elaborando um veículo com identidade, compromisso e responsabilidade, sempre com objetivos determinados pelo interesse do receptor, impõe-se à criação de fórmulas alternativas para evitar imitações mal feitas” conclui.

Regina Márcia Moura Tavares (1982, p.182), coordenadora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, enfatiza que “a preocupação mais marcante do curso de Comunicação Social é a de servir à comunidade através do serviço prestado com o jornal-laboratório e sensibilizar o universitário para o que lhe deve dizer respeito como cidadão, capaz de buscar respostas para os reais problemas cotidianos”. Uma das funções de um jornal-laboratório é justamente inserir o futuro jornalista em uma realidade em que ele tenha contato com um público. “O jornalista é um intermediário da sociedade”, tem dito o sociólogo americano (PAUL *in* Dinis, 1986, p. 118).

A partir do momento em que se define a comunidade em que jornal-laboratório vai trabalhar é necessário buscar todas as informações referentes a essa sociedade. De acordo com Marques (1989, p. 55), os veículos devem ouvir as comunidades às quais se dirigem para fixar suas diretrizes editoriais, ou seja, levar também em consideração a participação dos leitores, dos receptores, porque só isso garantirá a independência das administrações Universitárias, das tendências estudantis ou dos

interesses das corporações dos docentes. “É preciso fazer um jornalismo participativo, combativo e politicamente conseqüente”, frisa.

Para se trabalhar com jornalismo comunitário, de acordo o Professor MS Pedro Celso Campos, na dissertação *Jornalismo Comunitário* publicada no endereço <http://wmail.faac.unesp.br/~pcampos/>, o jornalista deve aprofundar-se nos costumes que caracterizam a cultura popular (religiosidade, arte, vida familiar, formas de sociabilidade, educação, etc) e aprender a respeitar e valorizar essa cultura, reconhecendo nela um processo dinâmico e vivo nas diversas manifestações culturais. Dessa forma, o jornalismo comunitário estará contribuindo para a formação da cidadania.

O jornal laboratório deve ser um jornal de conteúdo variado, que procura não apenas refletir as questões locais, mas que também busca traduzir para a comunidade os fatos do país e do mundo. É um jornalismo que fala diretamente ao coração das pessoas, sempre com palavras simples, capaz de jamais se enganar sobre os nomes das pessoas do local, por exemplo. É uma linguagem preferencialmente coloquial, quase intimista, bem diferente do formalismo próprio do Especializado. Todos devem ser ouvidos com respeito, com carinho, com atenção, mesmo quando não saibam se expressar direito. Na verdade, o verdadeiro jornalismo comunitário – seja nos impressos, seja nas rádios comunitárias – faz diariamente uma troca de idéias com as pessoas. Assim a comunidade vai crescendo em organização, em consciência política, na compreensão da realidade, valorizando-se como cidadãos e aprendendo a olhar o mundo com outros olhos, com um olhar crítico e participativo, não com um olhar cabisbaixo e alienado. Assim se constrói um país soberano e livre. (Professor MS Pedro Celso Campos, na dissertação *Jornalismo Comunitário*, publicada no endereço <http://wmail.faac.unesp.br/~pcampos/>).

Chauí (1980, p.10), explica a importância do jornalista estar inserido nos problemas da sociedade.

Se não estiver preparado para ter uma visão crítica da história e da sociedade, o jornalista poderá contribuir para alienar ainda mais ao invés de libertar os excluídos. “Quando o sujeito não se reconhece como produtor das obras e como sujeito da história, mas toma as obras e a história como forças estranhas, exteriores, alheias a ele e que o dominam e perseguem, temos o que Hegel designa como alienação. Esta é a impossibilidade do sujeito histórico identificar-se com sua obra, tomando-a como um poder separado dele, ameaçador e estranho”. (CHAUÍ, 1980, p.10).

Dirceu Fernandes Lopes, no livro "Jornal Laboratório – Do Exercício Escolar ao Compromisso com o Público Leitor", apresenta três pesquisas sobre jornais-laboratório. Uma delas realizada na Universidade de Brasília, onde foram entrevistados alunos e professores que participaram da elaboração do jornal *Campus*, voltado para a comunidade da própria universidade. Outra e sobre o *Marco*, jornal-laboratório da Pontífica Universidade Católica de Minas Gerais. E em terceiro o *Rudge Ramos Jornal*, elaborado pelos estudantes do Instituto Metodista de Ensino de São Bernardo do Campo. Foram entrevistados professores e alunos responsáveis pelos projetos, pesquisas sobre as coleções desses jornais, onde obtiveram subsídios que reforçam a proposta: o da importância de um jornal laboratório voltado à comunidade. Segue abaixo os dados coletados na pesquisa.

## **3.2. Relatos de experiências**

### **3.2.1. O "Campus"**

Quando a pesquisa foi feita, o jornal "Campus" da Universidade de Brasília já contava com 16 anos de circulação. O público-alvo era a comunidade universitária, com tiragem de 3 mil exemplares, periodicidade semanal, 12 a 16 páginas, em preto e branco, papel-jornal, formato tablóide, impressão em off-set e distribuição pelos alunos.

Quando o jornal foi criado, os alunos do terceiro ano se matriculavam em apenas quatro matérias, sendo três obrigatórias (Técnica de Jornal e Periódico I, Paginação e Revisão, Edição Jornalística) e uma optativa (Técnica de Jornal e Periódico II), com 20 vagas. Era o bloco de Jornalismo. A idéia era que o estudante deixava de ser "aluno" naquele semestre, para ser "repórter", acompanhando todas as fases de produção do jornal.

O "Campus" contava com editorias de Opinião, Política/Nacional, Economia, Internacional, Serviço, Educação e Local. Os alunos de Publicidade colaboravam com o jornal fazendo os contatos publicitários para cobrir parte das despesas caso a Universidade não repassasse os recursos necessários.

Era obrigatório o comparecimento dos alunos nas reuniões de pauta, debates, palestras, fechamento etc. Incentivava-se o trabalho em equipe, porque a falha de um prejudicava todo o trabalho dos colegas, despertando no futuro jornalista o senso de responsabilidade.

### **3.2.2. O "Marco"**

De acordo com a pesquisa, enquanto o "Campus" voltava-se para o público acadêmico, o jornal-laboratório "Marco", da Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, tinha o público-alvo nos bairros Dom Cabral, João Pinheiro, Alto dos Pinheiros, Vila 31 de Março e Coração Eucarístico. A proposta era ser um jornal cada vez mais assumido pelos próprios moradores. A periodicidade era mensal, com tiragem

de 3 mil exemplares, em formato tablóide, com 12 páginas, impressão em *off-set*, distribuição pelos alunos. Tinha 14 anos de circulação quando da pesquisa, por volta de 1988.

Segundo Lopes (1989), o jornal Marco abordava fatos e temas de interesse popular, como prestação de serviços, matérias de reivindicação, denúncias e cobranças das autoridades tornando-se porta-voz das aspirações e reivindicações da comunidade. A pesquisa cita o fato de que chegaram a conquistar uma passarela sobre a BR 262, na altura do anel viário da Vila 31 de Março, antiga luta dos moradores. O jornal cobrou a passarela durante dez anos devido ao aumento do número de mortes no local após a duplicação da rodovia.

No primeiro editorial, em 5 de dezembro de 1972, o "Marco" já afirmava que procuraria realizar o objetivo pedagógico "pela aplicação dos estudantes ao jornalismo vivo, feito com seriedade profissional. Por ele passaram todas as turmas de jornalistas da UCMG, cada uma com responsabilidade de fazê-lo durante determinado período. As primeiras experiências de repórter nasceram entre a gente e as ruas de um bairro. Com elas vieram a fé, a escolha e o compromisso. Dom Cabral será o campo de lutas do Marco".

A pesquisa mostra que os objetivos do jornal eram 1) Evitar um jornal de temas acadêmicos ou problemas universitários que poderia proporcionar um início de prática limitada, por sua própria natureza, nos conteúdos, na forma, nos enfoques; 2) Levar os estudantes a um contato direto e freqüente com setores representativos do povo, cujos interesses e aspirações, nas manifestações imediatas e aparentes, não são os mesmos da vida diária de um ambiente escolar; 3) Permitir aos candidatos do curso de

Jornalismo o exercício de focalizar, nos próprios fatos (e através dos fatos) da vida da comunidade, constituída de trabalhadores, funcionários e pequenos comerciantes, os aspectos que refletem ou incorporam efeitos de esquemas de dominação econômica e cultural; 4) Prestar serviço a essa comunidade, na medida em que ela faça do jornal um de seus instrumentos de expressão, aglutinação e de defesa dos interesses e satisfação de necessidades; 5) Empregar os meios disponíveis para que essa comunidade possa assumir o jornal, transformando-o em órgão autônomo e próprio e, no futuro, desvinculado da própria Universidade Católica.

De acordo com Lopes (1989), para atender a tais objetivos, o jornal-laboratório mineiro Marco evitou ser um jornal meramente "literário", feito apenas para o deleite dos próprios alunos e professores, tornando-se um jornal de combate, agente de mobilização a serviço da comunidade. Afinal, não vale a pena gastar tempo e recursos para fazer jornais que não sejam sérios e úteis de alguma forma. Através do Marco, muitos estudantes perderam a timidez de "chegar mais" nas fontes de informação, preparando-se para os futuros embates da profissão.

Nos depoimentos sobre o jornal, uma aluna da Universidade destacou a importância da circulação: "Não adianta nada fazer um jornal e ele ficar aqui, empacotado".

### 3.2.3. O Rudge Ramos Jornal

A terceira experiência analisada por Dirceu Fernandes Lopes é o Rudge Ramos Jornal, do Instituto Metodista de Ensino Superior, de São Bernardo do Campo-SP, voltado para os moradores do bairro Rudge Ramos. Era um tablóide, com periodicidade mensal, em 12 páginas, impressão *off-set* em preto e branco, tiragem de 7 mil exemplares e distribuição em bancas e pontos de ônibus. Contava com seis anos de circulação.

Uma característica importante desse jornal era a veiculação de publicidade, o que acostumava o aluno com as pressões normalmente sofridas pelos meios de comunicação na sociedade capitalista.

A estruturação projetada para o jornal-laboratório Paulista tinha administrador, secretária, coordenadores de edição, coordenador de reportagem, coordenador gráfico para a área de Jornalismo, coordenador de criação, coordenador de atendimento para a área de Publicidade e Propaganda, dois coordenadores para a área de Relações Públicas e um para estágios. A área de Jornalismo cuidaria da produção e edição do jornal; Publicidade e Propaganda ficaria responsável pela veiculação de anúncios e campanhas publicitárias; e Relações Públicas cuidaria da elaboração de listagem para distribuição do veículo, pesquisas de campo, organização de sessões culturais, palestras, cursos e debates nas associações de bairro, organização de torneios esportivos, entre outras funções. Mas o projeto não funcionou por falta de entendimento entre as habilitações.

Segundo Lopes (1989), o jornal passou a circular mais com característica de jornal "para a comunidade" do que de "jornal comunitário", como deveria ser um verdadeiro jornal de bairro. Em 1985, um dos editoriais do Rudge Ramos Jornal destacava: "O jornal de bairro é também um jornalismo vivo, pois conta com público definido e trabalha com as necessidades informativas de leitores exigentes e ávidos por noticiário diferenciado". Devido ao fato deste veículo ser o porta-voz do bairro, deve o jornal utilizar-se de linguagens que os moradores se identifiquem e sintam-se representados. Buscando atingir esses objetivos, o jornal de bairro procura se estruturar da mesma forma como faz a grande imprensa, porém abrangendo setores que mais interessam aos moradores.

Depois o jornal evoluiu para a criação de um Conselho Editorial integrado por professores, alunos e representantes da comunidade. O autor sintetiza os resultados no seguinte comentário:

Um jornal laboratório deve ser dirigido à comunidade, com público próprio e objetivos específicos. Tanto os professores que orientam esses jornais desde suas implantações, como os alunos que participam dos projetos atualmente, concordaram que um veículo com público definido resulta numa postura profissional durante as etapas do processo jornalístico. Ficou clara, em nossas pesquisas, a motivação dos alunos ao saberem que suas matérias eram lidas pelo público-alvo e que até conseguiam ajudar a solucionar problemas dessas comunidades (LOPES 1989, p. 66).

#### 4 EXEMPLOS DE JORNAIS-LABORATÓRIO ATUAIS

O jornal-laboratório é uma das principais ferramentas teórica-prática do curso de jornalismo utilizada por várias instituições de ensino superior no Brasil e no mundo. Para Beltrão (1989, p.49), o jornal laboratório é instrumento didático básico sempre que usado apropriadamente, com um planejamento racional que se transforma no substituto da prática de treinamento nas redações. Ainda hoje, mesmo com a autonomia na definição dos currículos dos respectivos cursos concedida pelas diretrizes curriculares do MEC, as principais Universidades do país possuem jornais-laboratório.

Um exemplo de sucesso é o jornal experimental *O Campus*, da Universidade de Brasília, que completou 36 anos em 2005 e é uma das mais antigas publicações laboratoriais do país. Elaborado pelos estudantes de jornalismo, o jornal possui cinco edições semestrais, divididas em oito páginas, formato tablóide, com tiragem de quatro mil exemplares. A distribuição é feita pelos alunos à comunidade universitária da UnB, imprensa em geral e outras universidades. O jornal preocupa-se com a responsabilidade social, tanto que foi o primeiro, dentre os jornais laboratório, a instituir a coluna de *ombudsman*. O *Campus* possui reconhecimento no meio jornalístico, "Durante a sua trajetória já obteve os prêmios Ayrton Senna de Jornalismo e Líbero Badaró, com uma grande reportagem no sertão da Bahia sobre a região onde morreu o líder guerrilheiro Carlos Lamarca", comenta o professor Fábio Pereira, atual responsável pela publicação. O jornal *O Campus* teve a primeira edição nove anos após a inauguração de Brasília. Pode ser considerado um pioneiro na nova capital. Um exemplo de sucesso, por ter permanecido com as publicações, mesmo com tantas

mudanças políticas e sociais que ocorreram no Brasil em mais de trinta anos de história.

*O Esquinas de S.P* é o jornal-laboratório da Faculdade Cásper Líbero. Ele foi lançado no 2º semestre de 1996. Segundo Marco Antonio Araújo, ex-coordenador do curso de Jornalismo, "a intenção clara do jornal, como laboratório, é o da prática da grande reportagem, estimulando o estudante a entender o jornalismo como um instrumento capaz de transformar, de refletir, longa e verticalmente, sobre a realidade do país, da cidade e das pessoas".

*Diretriz* é um jornal elaborado por estudantes do 5º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. O projeto nasceu a partir da iniciativa de alguns alunos, ao constatarem que a universidade possuía um canal deficiente à divulgação de matérias feitas em sala. Segundo Lucas Lagatta, um dos fundadores do espaço, "após um ano e muita pressão por parte de um grupo de alunos junto à coordenação da faculdade de jornalismo, o jornal *Diretriz* teve uma radical mudança: foi ampliado para vinte páginas, tamanho tablóide, com nova diagramação". A edição nº 0 foi lançada no primeiro semestre de 2003, com periodicidade mensal, tiragem de dois mil exemplares e distribuição feita pelos próprios alunos.

*O Ventilador – manda que a gente espalha* é um jornal que nasceu em 2000 a partir do projeto de conclusão de curso do grupo de alunos da PUC-SP. A idéia cresceu e o jornal acabou se transformando em uma publicação permanente dos estudantes da universidade, tendo a linha editorial baseada no movimento estudantil. Atualmente, *O Ventilador* está presente em 12 universidades paulistas e é produzido por estudantes

dos cursos de cada uma delas, sob a coordenação de um núcleo formado por representantes de cada instituição. Cada edição sai com a tiragem de 30 mil exemplares, distribuídos gratuitamente nas universidades, com patrocínio de comerciantes da região. O *Ventilador* se destaca pelo fato de ser uma experiência que engloba, na elaboração, várias instituições de ensino superior do estado de São Paulo. O trabalho desenvolvido chamou a atenção da iniciativa privada que acabou tornando-se patrocinadora do jornal. A tiragem muito significativa, 30 mil exemplares, mostra como um jornal experimental pode atingir grande número de leitores, tendo como público-alvo os estudantes universitários, já que a linha editorial é baseada no movimento estudantil, trazendo matérias de interesse coletivo.

## 5 ÉTICA NO JORNAL-LABORATÓRIO

O jornal-laboratório, que exercita ou não o jornalismo comunitário, não pode deixar de considerar os princípios da ética e da moral. A responsabilidade do jornalista com o público deve fazer com que o profissional de comunicação busque continuamente uma boa apuração para que a informação seja sempre verdadeira, completa e desinteressada.

O Manual de Redação e Estilo, de O Globo (São Paulo: Globo, 1993) é muito claro e preciso no capítulo referente à ética. “As exigências éticas não prejudicam a prática do jornalismo; ao contrário, elevam a qualidade da informação. Pode ser frustrante perder a foto dramática do menino delinqüente ou a saborosa notícia não confirmada da indiscrição do ministro. Mas se a decisão de não publicar isto ou aquilo foi determinada por genuína preocupação ética, não existe prejuízo real: o que se está desprezando é informação ilegítima marcada por sensacionalismo, irresponsabilidade ou manipulação dos fatos. Muitas vezes, a decisão de não publicar resulta da distinção entre interesse público e interesses do público (que podem ser bastante mesquinhos ou vulgares). O que ela jamais pode refletir é covardia ou interesse subalterno que se disfarça de norma ética para fugir ao dever de publicar. Seja como for, ética não é mordação. O que ela pede não é menos notícia, mas melhor notícia: a informação correta, completa, digna”.

Ainda segundo o Manual de redação e Estilo de O Globo, a atividade jornalística – além de, obviamente, obedecer às leis do país – tem critérios éticos

próprios. É a própria imprensa que, por sentimento de dever e interesse próprio (uma vez que não sobrevive sem a estima e o respeito da coletividade), escolhe as regras específicas de conduta. Vinda de fora, qualquer outra forma de limitação é censura e agride a liberdade de imprensa. Para o manual, todo jornalista, do repórter ao editor, seleciona e dá pesos diferentes aos elementos de informação que passam por eles. Isso é inevitável – pois não há outra maneira de trabalhar – e representa o exercício de considerável poder: o de decidir como determinado aspecto da realidade será apresentado à opinião pública.

Segundo o Professor MS Pedro Celso Campos, na dissertação *Jornalismo Comunitário* publicada no endereço <http://wmail.faac.unesp.br/~pcampos/>, a primeira questão ética que se impõe para o jornalista, é aprender a não abusar desse poder. É inaceitável que o processamento da informação seja posto a serviço de fins políticos, ideológicos e pessoais. Mas existe o abuso não deliberado: ninguém consegue despir idéias e sentimentos como quem tira um paletó antes de começar um dia de serviço. Ainda assim, mesmo sabendo que a isenção total é impossível, o jornalista tem que tentar, permanentemente, ser tão isento quanto possível.

O professor ressalta na dissertação que o poder da imprensa na sociedade não é mandato dos deuses nem confere prerrogativas especiais ou privilégios a quem o detém. Como acontece em qualquer função socialmente importante, ser jornalista implica muito mais deveres do que direitos; e informar é tanto um dever quanto um direito. “Não faz mal algum ao profissional uma boa dose de humildade; e ele não tem pior conselheira que a arrogância”.

Aprovado pela Associação Nacional de Jornais-ANJ, em 1991, o Código de Ética dos Jornais dita os seguintes preceitos aos jornais afiliados:

1. Manter a independência;
2. Sustentar a liberdade de expressão, o funcionamento sem restrições da imprensa e o livre exercício da profissão;
3. Apurar e publicar a verdade dos fatos de interesse público, não admitindo que sobre eles prevaleçam quaisquer interesses;
4. Defender os direitos do ser humano, os valores da democracia representativa e a livre iniciativa;
5. Assegurar o acesso dos seus leitores às diferentes versões dos fatos e diversas tendências de opinião da sociedade;
6. Garantir a publicação de contestações objetivas das pessoas ou organizações acusadas, em suas páginas, de atos ilícitos ou comportamentos condenáveis;
7. Preservar o sigilo de suas fontes;
8. Respeitar o direito de cada indivíduo à privacidade, salvo quando esse direito constituir obstáculo à informação de interesse público;
9. Diferenciar, de forma identificável pelos leitores, material editorial e material publicitário;
10. Corrigir erros que tenham sido cometidos em suas edições.

Apesar das inúmeras cobranças sobre postura ética, os deslizes continuam ocorrendo. No mês de março de 2005, falta de ética e de compromisso com o leitor levou a jovem Michelle Dias Piloto, aluna da Faculdade IESB, de Brasília, a publicar no jornal-laboratório da instituição, uma matéria fantasiosa sobre um suposto caso de uma jovem brasileira que teve uma infecção cerebral causada pelo uso de *Piercing* na língua. O texto foi publicado no *Na Prática*, o jornal-laboratório *on-line* dos estudantes de jornalismo do IESB. Tinha como título: "Primeiro caso no Brasil de infecção no cérebro provocado por *Piercing* de língua é registrado no Distrito Federal". O jornal virtual traz matérias produzidas pelos estudantes de jornalismo da instituição e tem a supervisão dos professores.

A falsa matéria foi descoberta por Renato Alves, repórter de Cidades do Correio Braziliense. No dia 4 de março de 2005, o repórter foi encarregado de averiguar as informações referentes ao caso. Segue na íntegra a explicação de como o repórter trabalhou o assunto:

De: Renato Alves Enviada em: Wednesday, March 16, 2005 5:14 PM Para: Editoria Brasil (CB); Editoria Cidades (CB); Editoria Cultura (CB); Editoria Economia (CB); Editoria Esportes (CB); Editoria Gabarito (CB); Editoria Mundo (CB); Editoria Opinião (CB); Editoria Política (CB); Editoria Revista (CB); Editoria Suplementos (CB); Editoria Fotografia Assunto: Leiam com atenção.

No dia 4 de março de 2005, recebi a missão de descobrir quem era a jovem brasileira da matéria abaixo (*Piercing* na língua causa infecção cerebral em brasileira), em destaque no site da faculdade IESB.

Uma história única, como ressalta a chamada da página (Primeiro caso no Brasil de infecção no cérebro provocado por *Piercing* de língua é registrado no Distrito Federal), feita por estudantes de jornalismo da instituição, com a supervisão de professores - muitos, jornalistas. Pois bem, fui correr atrás do "furo". Telefonei para o hospital citado - Unimed. No Distrito Federal, há três Unimed, mas a matéria não cita em qual delas estaria internada a paciente. Depois de muitos telefonemas, me deram o número da empresa de assessoria que presta serviço à Unimed em Brasília, Luan Comunicação. A dona da empresa me atendeu educadamente, ouviu toda a história, também acessou o site da faculdade e prometeu me dar um retorno o mais rápido possível. Em meia hora, ela retornou. Informou que não havia registro do caso em nenhuma das três unidades da Unimed do DF nem tais médicos citados na matéria (o neurocirurgião Marcelo Freitas e o dermatologista Edil Ramos) atendendo nos hospitais da rede. Não satisfeito - sempre desconfio de assessorias de imprensa - pedi para entrevistar algum diretor da Unimed em Brasília. A assessora me passou o telefone do médico David Urbagnez, chefe do Controle Hospitalar e de Infecção da Unimed no DF. O médico me atendeu e explicou que havia pedido a relação de pacientes internados nas UTIs da Unimed. Explicou que, por se tratar de um caso raro, se fosse verdade, seria informado da paciente no dia que ela desse entrada em qualquer unidade da rede. Também tinha como obrigação notificar a Secretaria de Saúde do DF sobre o caso. Prometeu fazer uma investigação mais detalhada, mesmo depois de garantir que ele não existia, pelo menos nos hospitais da Unimed no DF. Desconfiado - da assessora, dos diretores do hospital e da própria matéria entrei em contato com o Conselho Regional de Medicina e o Conselho Federal de Medicina. Perguntei sobre os médicos citados na tal matéria - queria saber os telefones e

endereços dos consultórios desses doutores para, enfim, descobrir toda a verdade. Mas depois de alguns minutos, os atendentes do setor de pesquisa dos dois conselhos me informaram que não havia especialistas em neurocirurgia e dermatologia trabalhando no DF com tais nomes. Nem mesmo médicos com aqueles nomes atuando em qualquer hospital ou clínica do DF. Pronto, estava na encruzilhada: ou o caso não havia sido registrado, ou ele havia ocorrido em outro lugar, ou simplesmente não existia. Para tirar a dúvida, tentei, por uma semana, falar com a autora da matéria. O número do telefone celular, que eu havia conseguido com colegas da estudante, não atendia. Até hoje, quando a própria Michelle Dias Piloto me ligou. A universitária tomou a atitude após uma colega entrar em contato com ela, sabendo que eu estava tentando apurar a matéria e que o departamento jurídico da Unimed estudava uma ação por danos morais contra a estudante. Michelle alegou que a história havia sido contada a ela por uma tia que mora em Paracatu (MG), e que a tal paciente era sua prima. "Uma louca, meio dark, que mora em Paractu. Ela não fala coisa com coisa", descreveu Michelle. Pedi os telefones e endereços da tal tia e da tal prima. Ela não deu. Em seguida, afirmou que o hospital em que a prima havia sido internado não era Unimed - "Minha tia inventou o nome porque o outro hospital estava abafando o caso", explicou. E para terminar, a garota, estudante do sexto período de jornalismo contou que os nomes dos médicos citados na matéria eram "fictícios". "Você sabe como é. A gente escrever a matéria, o professor mexe, aí vem um editor, que também é aluno, e mexe mais ainda. Eles gostam de matéria que chame atenção", afirmou. Perguntei quem teve a idéia de inventar os nomes. "Fui eu", respondeu. Ah, bom. Mas não entendi nada.

A seguir, na íntegra a matéria elaborada pela aluna Michelle Dias:

**Título:** *Piercing* na língua causa infecção cerebral em brasileiro.

**Sutian:** Primeiro caso no Brasil de infecção no cérebro provocado por *Piercing* de língua é registrado no Distrito Federal

**Aluna:** Michelle Dias Piloto

**Texto:** O primeiro caso de infecção no cérebro provocada por um *Piercing* de língua foi registrado no Distrito Federal em 25 de fevereiro. É o primeiro no Brasil e o segundo no mundo, segundo o neurocirurgião Marcelo Freitas, do Hospital Unimed, onde está internada a paciente de 23 anos. A equipe médica informou que a infecção está sob controle, a paciente está consciente e continua em observação, mas só terá alta na próxima sexta-feira, dia 11.

A jovem sentia fortes dores de cabeça desde que colocou o *Piercing*, há dois anos, segundo sua mãe, Maria do Carmo de Souza. Um desmaio foi o que a levou ao hospital, onde os médicos detectaram a infecção. Bactérias típicas da boca chegaram à corrente sanguínea e alcançaram o cérebro. A paciente teve que retirar o *Piercing* foi submetida à cirurgia e ficou em coma induzido por quatro dias. "Foi o primeiro *Piercing* que minha filha pôs, nunca pensei que o adereço pudesse causar um dano tão grande à saúde", conta Maria do Carmo.

O dermatologista Edil Ramos, da equipe que atende a jovem, lembra que a língua e os genitais são as piores escolhas de quem quer usar o adereço. O especialista recebe queixas freqüentes de dentes deslocados pelo contato com a peça

e gengivas irritadas. Por serem regiões úmidas e muito vascularizadas, são vulneráveis a infecções. Em sua opinião, o melhor local para colocar o *Piercing* é o lóbulo da orelha.

"Segundo a dentista Lidiane Britto, os problemas mais comuns na língua são a halitose, a periodontite, dentes quebrados, dificuldade de fala e lesões no palato por atrito. Mas também existe a possibilidade de transmissão de viroses, como hepatite e AIDS. O câncer bucal está relacionado a muitos fatores, como o fumo e o álcool, entre outros. "Para quem fuma, bebe e usa *Piercing*, as chances de câncer aumentam", adverte a odontologista.

Apesar de tantos riscos, a adesão ao *Piercing* de língua cresce entre os jovens. Em São Paulo, uma lei estadual (lei nº 9.828/1997) proíbe a perfuração em menores de idade mesmo com a autorização dos pais. Em Brasília, não há regulamentação sobre o assunto. Para a adolescente Larissa Guedes, de 17 anos, foi a melhor experiência de sua vida. A mãe foi com ela e as duas colocaram *Piercing* no umbigo. Ao contrário de Larissa, Débora Fontes, de 22 anos, foi expulsa de casa por colocar cinco *Piercings*.

A psicanalista Caroline Macedo relata que há casos em que *adolescentes* colocam as peças para chamar a atenção dos adultos. Outros adeptos vivem um processo de erotização da dor semelhante ao experimentado pelos sadomasoquistas. "A dor é grande, mas para eles o prazer da perfuração é quase sexual", diz. Essa teoria não explica a massificação do uso do *Piercing* que, segundo a psicanalista, faz parte de um conjunto de tendências estéticas que envolvem a manipulação do corpo em busca da beleza, como é o caso das lipoaspirações e das próteses de silicone. *Publicado em 4/3/2005.*

**Nota de esclarecimento divulgada pela Instituição em 17/03/2005.**

## Aviso aos Leitores - Nota de Esclarecimento

No dia 16 de março, diante da quebra de conceitos básicos da ética jornalística, a Coordenação de Comunicação Social do IESB foi obrigada a retirar do site do Jornal Laboratório Na Prática a reportagem intitulada “*Piercing* na língua causa infecção cerebral em brasiliense”. A referida matéria tratava da suposta existência de um caso raro de infecção cerebral registrado no Distrito Federal. Uma estudante não identificada teria sido vítima de uma contaminação bacteriológica decorrente da aplicação de um *Piercing* na língua. A aluna responsável pela apuração e construção do texto jornalístico em questão admitiu ter inventado as informações contidas na matéria. No texto, os nomes dos médicos e as declarações imputadas a eles são fictícios, assim como a referência ao hospital onde a estudante contaminada estaria internada. Feita uma apuração preliminar dos fatos, descobriu-se que as inverdades inseridas na matéria foram ditadas à repórter por um parente, mas nem isso pôde ser inteiramente confirmado. A aluna, ainda assim, não fez nenhuma checagem das informações, nem as repassou, previamente, aos professores e ao editor da reportagem.

Uma comissão disciplinar irá avaliar e decidir as medidas a serem tomadas com relação à aluna envolvida nesta grave fraude jornalística e acadêmica. A Coordenação de Comunicação Social irá analisar o caso para tomar providências que possam, no futuro, impedir novas ocorrências desta natureza. Espera, no entanto, que as conseqüências deste fato lamentável sirvam de exemplo, em todos os sentidos, para os alunos do curso de Jornalismo.

Só nos resta pedir, formalmente, desculpas à UNIMED por ter tido uma de suas unidades hospitalares citadas indevidamente na matéria.

Coordenação de Comunicação Social.

Habilitação em Jornalismo.

*Publicado em 17/3/2005.*

Segundo a dissertação, História do Jornalismo Comunitário, publicada em <http://wmail.faac.unesp.br/~pcampos/HISTORIA%20DO%20JORNALISMO%20COMUNITARIO>, de autoria do professor Pedro Celso Campos da Universidade Unesp/Bauru, o melhor caminho para um jornalista, quando se vê diante do inusitado, é checar adequadamente a informação. Se não tiver tempo, é melhor perder o furo que praticar um crime de informação. Sem o furo, o jornal perde a notícia em primeira mão e se recupera na edição seguinte. Com a notícia errada, em primeira mão, o jornal perde a credibilidade e leva tempo para recuperá-la.

Acredito que em um jornal-laboratório, a definição de um público alvo, o conhecimento das necessidades desse público e a convivência com o mesmo, pode despertar no aluno um senso de responsabilidade, pois, ele sabe que o que escreve tem um caráter social e pode até vir a mudar a vida de pessoas na comunidade. Escrever sem compromisso com o público leitor pode levar o aluno apenas à obrigação de cumprir uma atividade acadêmica.

## 6 UNICEUB E O JORNAL-LABORATÓRIO ESQUINA

O Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), instituição privada de ensino superior, foi fundada em 1968 com o nome de Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB), com cursos noturnos de Direito, Pedagogia, Geografia, História, Matemática, Letras, Economia, Contabilidade, Administração e Psicologia. A partir de 1999, a instituição se converteu em centro universitário, e, hoje, conta com mais treze cursos, Arquitetura, Biologia, Biomedicina, Ciência da Computação, Comunicação Social (Jornalismo, Propaganda e Marketing e Publicidade e Propaganda), Enfermagem, Engenharia de Computação, Fisioterapia, Nutrição, Pedagogia Séries Iniciais, Psicologia, Relações Internacionais e Turismo.

O UniCEUB está entre as mais reconhecidas instituições de ensino superior de Brasília devido à tradição e reconhecimento diante do MEC e da população.

A instituição já formou mais de 80 mil profissionais e, atualmente, tem mais 18 mil alunos, contribuindo com as mudanças sociais, científicas e tecnológicas da sociedade de Brasília. Quatro mil funcionários trabalham diretamente para o UniCEUB. O Centro Universitário também oferece projetos institucionais que colocam em contato os estudantes com pessoas carentes.

O UniCEUB está localizado no Plano Piloto SEPN 707/909 - Campus UniCEUB/ Asa Norte - Brasília - DF / CEP 70790-075 / Telefone (061) 340-1600 / Fax (061) 340-1523.

O curso superior em Comunicação Social do UniCEUB foi reconhecido em 9/9/74 pelo decreto-lei 74.517 publicado no DOU nº 173 conferindo o grau Bacharel em Comunicação Social Jornalismo. A duração do Curso é de oito semestres com novo currículo específico. O mesmo qualifica o futuro profissional a lidar com a informação especializada ou de interesse público.

O curso de jornalismo do UniCEUB prepara os profissionais para atuarem em meios de comunicação de massa e comunicação institucional, levando o aluno ao entendimento e domínio do processo de comunicação, dentro de perspectivas dinâmicas e atualizadas.

As possibilidades de atuação do profissional de Jornalismo aumentaram nos últimos anos. Tradicionalmente relacionado à prática de apuração, redação e edição de reportagens, hoje incorpora áreas relacionadas à Comunicação Organizacional, exercício de atividades no setor público e elaboração de produtos de comunicação dirigida.

O curso oferece a possibilidade de estágio remunerado ou monitoria com bolsa de estudo parcial na Agência de Comunicação – ACC, uma oportunidade de preparar o aluno para o mercado de trabalho por meio de serviços que presta às faculdades. Matérias jornalísticas na revista mensal UniCEUB em Revista, textos para a imprensa, *clipping* diário, coluna semanal são algumas das ações desenvolvidas pelos alunos sob orientação de professores.

Além de forte preparação teórica e em cultura geral, o curso oferece laboratórios para o desenvolvimento de atividades relacionadas à apuração,

contextualização, redação, diagramação, análise, crítica e edição de informações; administração de processos de produção específicos dos meios de comunicação como levantamento de dados, entrevistas, planejamento de coberturas, análise da imprensa e da sociedade.

Laboratórios de rádio, televisão, redação, estúdios de fotografia e televisão modernos e equipados para o desenvolvimento de atividades relacionadas à profissão são disponibilizados aos alunos, e o currículo do curso acompanha as demandas e exigências do mercado.

O profissional da área poderá trabalhar em rádio, televisão, agências de notícias, jornais, revistas, Internet, assessoria de imprensa de órgãos públicos e privados e produção de publicações. Todos os alunos têm a oportunidade de vivenciar a prática da profissão, seja com produção de programas e documentários radiofônicos e televisivos, como na elaboração mensal do jornal laboratório Esquina.

Não existe arquivo sobre o Esquina, mas, segundo o Secretario Geral Mauricio Sousa Lopes, o jornal Esquina foi inaugurado em 1974, um ano depois da inauguração do curso de comunicação social. Dessa forma, o Esquina está completando 30 anos. De acordo com o professor João José Forni, o Esquina adotou esse nome baseado no folclore de que Brasília não tem esquina.

Com a mudança curricular do curso de jornalismo realizada em 2003, a disciplina Jornalismo Comunitário passou a se chamar Jornal Laboratório. Segundo Jorge Duarte, ex-professor do UniCEUB, no primeiro semestre de 2004, participaram do Esquina 30 alunos no turno matutino e 50 alunos no turno noturno. A carga horária é de

quatro horas/aula por semana, o que tem implicado esforço adicional, tanto por parte do professor quanto dos alunos. No novo currículo, a carga horária foi ampliada para oito horas, visando aumentar a qualidade do ensino e da produção do jornal. A última turma da disciplina de Jornalismo Comunitário cursou a matéria no último semestre de 2004.

Atualmente, os professores responsáveis pelo Esquina são Renato Ferraz, Marcelo Moura e Marcone Gonçalves. O jornal tem tiragem de três mil exemplares, com 16 páginas. A partir deste semestre, a periodicidade do jornal é de três edições e um suplemento especial por semestre. Para comemorar os trinta anos do Esquina, o jornal ganhou uma nova proposta. Projeto gráfico e diagramação específicos para o formato *Standard* substituindo o formato tablóide conforme representado no Anexo A, as capas das edições de 2001, 2002, 2003 e a última deste primeiro semestre de 2005.

Segundo o professor Marcone Gonçalves dos Santos, que começou a dar aula na disciplina Jornalismo Comunitário em 2004, o público-alvo do jornal são 1,5 mil jornalistas, mil alunos de nível médio, 500 alunos, professores, autoridades e funcionários do UniCeub. “O jornal laboratório tem a preocupação de fazer o melhor texto jornalístico de modo que possa despertar o interesse dos profissionais de comunicação social que atuam no mercado. Ele é um produto de jornalismo e não especificamente do curso”, afirma. Ao contrário de colegas de outras faculdades que trabalham com a base de que o jornal-laboratório tem que cumprir uma função social, para o professor Marcone, um jornal laboratório não poderia e nem deveria cumprir nenhuma função social. De acordo com ele, a meta é a prática pedagógica, o que não significa que não deva ter preocupação social, pois pode estar voltado para temas de interesse de comunidades específicas. Mas para que isso ocorra, é preciso que

os alunos exercitem da melhor maneira o jornalismo, antes mesmo do social conforme representado no Anexo B.

Sobre a distribuição do Esquina, o professor explica que os próprios alunos distribuem o jornal-laboratório nas mesas das redações dos principais jornais, sucursais e comitês de imprensa em Brasília, além de entregar para outras turmas do curso de jornalismo.

A aluna Shanna Letícia, que participou do Conselho Operacional do Esquina conta na edição de maio de 2005, como foi feita a distribuição dessa edição. “O jornal foi distribuído dentro e fora do UniCEUB. Na faculdade os alunos do esquina se espalharam pelo Campos e fizeram a distribuição. Fora do UniCEUB as assessorias do Banco Central, Caixa Econômica e Banco do Brasil receberam a edição de cara nova. Na Câmara e no Senado também foram distribuídos, assim como os principais jornais nacionais com sucursal em Brasília.

## CONCLUSÃO

Neste capítulo são apresentadas as conclusões, sugestões e recomendações referentes aos estudos desenvolvidos nesta monografia. Foram abordadas as principais questões entre teoria e prática nas ações do Jornal-laboratório Esquina.

Constatou-se neste estudo de caso, que o jornal laboratório Esquina confeccionado no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) é essencial na formação de futuros jornalistas, pois ele inicia a vivência dos alunos com o dia-a-dia de uma redação.

A definição de um público-alvo na confecção de um jornal-laboratório é uma das principais questões apresentadas neste trabalho. O processo jornalístico origina-se nas expectativas de um público. O jornal-laboratório Esquina possui como principal público-alvo jornalistas e estudantes, porém como observado em várias edições, o conteúdo do mesmo não é específico para eles.

Foi verificado que é muito importante os alunos terem contato direto com a comunidade em que vão trabalhar, pois é preciso ouvir as necessidades e aspirações do público. O jornal Esquina poderia focar as matérias visando atender essas aspirações. Para que isso ocorra, os estudantes deveriam se envolver em temas que despertassem o interesse dos jornalistas, realizando pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica.

Ficou evidente em todo o trabalho a importância do jornal-laboratório se voltar a

uma comunidade, pois uma das funções de um jornal-laboratório é justamente inserir o futuro jornalista em uma realidade onde ele possa presenciar as necessidades da mesma.

Como foi mostrado, o professor do Esquina, Marccone Santos, não concorda que um jornal laboratório seja voltado essencialmente à comunidade. Ele defende uma ação mais mercadológica sobre jornal-laboratório. Talvez seja esse o futuro dos jornais-laboratório. Na edição especial de 30 anos do jornal Esquina, o professor Paulo Paniago, relata que o jornal-laboratório é um cartão de visitas que o aluno tem para apresentar ao futuro mercado de trabalho. “Então, está claro que agora deve começar a se preocupar menos com a menção do que a mostrar a que realmente veio”. (PANIAGO, 2005). Conforme representado no Anexo C.

Ficou claro no estudo que o jornalismo comunitário ou não, não pode deixar de considerar os princípios da ética e da moral. Foi observado em algumas edições pesquisadas, que o jornal Esquina tem demonstrado grande preocupação em apurar as notícias com responsabilidade e imparcialidade. Em anexo cópias do Esquina.

Os resultados encontrados neste trabalho mostram que o jornal laboratório Esquina, neste ano de 2005, passou por várias mudanças gráficas, mas o conteúdo é bastante semelhante. Na edição de abril do mesmo ano, o jornal ganhou cara nova com projeto gráfico e diagramação específicos para formato *standard* substituindo o formato tablóide. As edições de maio e abril de 2005 trouxeram como novidade um espaço chamado “Papo de Esquina”, onde os alunos e professores puderam expressar a opinião sobre o mesmo.

Assim, para que o Jornal Esquina cumpra de forma mais eficaz a função como jornal-laboratório, baseado em Lopes (1972), recomenda-se:

- Que sejam definidos âmbitos de cobertura, público alvo e periodicidade.
- Que no momento da definição da comunidade a que o jornal-laboratório se dirige, o público tenha participação no planejamento, forma e conteúdo da publicação, traçando a linha editorial nas expectativas e necessidades da comunidade, não sendo apenas repetidor de formas que deram certo na grande imprensa, mas capaz de editar e experimentar novos formatos.
- O jornal deve ser feito com compromisso e responsabilidade e ter, sempre objetivos determinados pelo interesse do receptor. Buscando formas alternativas de produção e edição.
- Outra recomendação é que a edição do jornal seja precedido de uma pesquisa para conhecer o perfil do leitor, identificando os problemas, prioridades e reivindicações, pois quando se sabe quem faz o que, com quais objetivos, reforça-se o canal de comunicação sendo possível assim ter retorno por parte dos leitores.
- Conscientizar os alunos, sobre o benefício que é ter um público alvo e valorizá-lo, pois a conscientização trará uma postura mais profissional, sabendo que o veículo faz parte do próprio ciclo da comunicação, tendo assim condições de influenciar, denunciar e mudar comportamentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Pedro Celso. História do Jornalismo Comunitário. Disponível em: <http://wmail.faac.unesp.br/pcampos/HISTORIA%20DO%20JORNALISMO%20COMUNITARIO.htm> Acesso: 10/abr/2005.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA. Disponível em: [www.uniceub.br/](http://www.uniceub.br/) Acesso: 20/maio/2005.

DE JORNALISMO, Ensino, Documentos da IV Semana de Estudos de Jornalismo. São Paulo: Comunicação e Artes ECA/USP, 1972.

DINIS, Alberto. O papel do Jornal. São Paulo: Sumus, 1986.

DIRETORIO BRASIL. Disponível em: [http://br.dir.yahoo.com/Noticias\\_e\\_Midia/Informacoes\\_do\\_Setor/Jornalismo/Educao\\_e\\_Formacao/](http://br.dir.yahoo.com/Noticias_e_Midia/Informacoes_do_Setor/Jornalismo/Educao_e_Formacao/) Acesso: 30/abr/2005

GILL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, Saraiva, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar, São Paulo: Record, 2001.

LIMA, Carina ([karina9712263@uniceub.br](mailto:karina9712263@uniceub.br)). Enviando email: [www.iesb.br](http://www.iesb.br). 04 abr. 2005. Enviado às 21h 05min. Mensagem para Leila Dourado ([leila.dourado@bol.com.br](mailto:leila.dourado@bol.com.br)).

LIMA, Carina ([karina9712263@uniceub.br](mailto:karina9712263@uniceub.br)). Gente é verídico. 04 abr. 2005. Enviado às 21h12min. Mensagem para Leila Dourado ([leila.dourado@bol.com.br](mailto:leila.dourado@bol.com.br)).

LOPES, Dirceu Fernandes. Jornal Laboratório, do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Sumus, 1989.

MELO, José Marques, FADUL, Anamaria e DA SILVA, Carlos Eduardo Lins. São Paulo: Cortez & Moraes INTERCOM, 1979.

MELO, José Marques. Pesquisa em Comunicação, tendências e perspectivas. São Paulo: Cortez, 1983.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/Sesu/diretriz.shtm>. Acesso: 10/abr/2005.

PANIAGO, Paulo. Ponto de vista, Escolher a coisa certa. Esquina. Brasília 2005, p. 02, jun. 2005.

PERES, Alberto. A história do CEUB. Quice Brasília, 1998.

SANTOS, Marcone(marcone.santos@bcb.gov.br)Entrevista.07/jun/2005. Enviado às 14h45min. Mensagem para Leila Dourado ([Leila.dourado@bol.com.br](mailto:Leila.dourado@bol.com.br))

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em :  
[http://wmail.faac.unesp.br/~pcampos/JORNALISMOCOMUNITARIONOLABORATORIO](http://wmail.faac.unesp.br/~pcampos/JORNALISMOCOMUNITARIONOLABORATORIO.htm)  
.htm Acesso: 15/mar/2005

# ANEXO A

Capas e Sobrecapas do jornal Esquina

Edições: 2001, 2002, 2003 e 2005.

# esquina

Brasília, dezembro de 2001

Jornal Laboratório do UniCeub - Distribuição gratuita



## Donos de casa

Correria diária estimula homens a aprender tarefas domésticas

Página 27

### Educação

Programa do MEC transforma rádio em escola

Página 8

### Meio Ambiente

Brechas na Lei facilitam ação de infratores

Página 14

### Cultura

Músicos da cidade sobrevivem com apresentações em bares

Página 20

### Esportes

Atletas de fim-de-semana devem moderar nos exercícios

Página 34

## Caderno Especial: Parque da Cidade

## Editorial

## E a vida continua ...

Divulgação

Durante quatro meses, de agosto a dezembro, cerca de 63 alunos e dois professores trabalharam para oferecer quatro edições do *Esquina* aos leitores. A missão desse grupo se encerra com este exemplar. O *Esquina*, no entanto, permanece.

No próximo ano, outros alunos vão tocar o barco para frente. Na primeira aula as edições serão pré-definidas, depois as editoriais vão ser separadas e os editores, nomeados. Tudo como em uma redação profissional.

Com a pauta definida e mais de um mês para fazer o jornal, muitos repórteres vão deixar para apurar a matéria em cima do *dead line*. Resultado: todos ficam nervosos com receio da qualidade da publicação e o *Esquina* ganha fama injusta.

Não é incomum ouvirmos no sexto semestre histórias de brigas entre amigos e entre alunos e professores durante o jornal laboratório. Também não é raro informações sobre matérias copiadas ou fontes inventadas. Essas histórias ganham uma força surpreendente e a bofoca logo se espalha por toda a faculdade de Comunicação. Muitas delas nem sempre confirmadas.

Essa rede de intrigas acaba por minar a credibilidade dos alunos e do *Esquina* perante a própria instituição. Se no mercado, muitos redatores do jornal são respeitados por chefes e colegas, na faculdade são tratados como adolescentes irresponsáveis. Mas o pior problema é o coletivo. Comentários pejorativos ameaçam a existência do jornal sem em nada beneficiar para a evolução do trabalho.

Uma análise das edições impressas do *Esquina* desse semestre não indicar alguns problemas, sim. Excesso de palavras, erros de diagramação e às vezes até a falta de uma revisão mais cuidadosa. Discutir e apontar esses defeitos com os alunos é uma forma construtiva de contribuir para a formação do profissional. Mas, e o acoites? Por que não discuti-los também?

Durante todo o curso não estudamos uma das ferramentas básicas do jornalismo. A apuração é simplesmente renegada em nosso currículo. Mesmo com essa dificuldade teórica, os repórteres de se semestre conseguiram transmitir informações ao leitor com textos dignos de elogios. Dificuldades práticas também existem. Artes do *Esquina*, muitos não sabiam sequer as reais responsabilidades do editor. Mesmo assim assumiram a função e garantiram a publicação das edições previstas.

Com esse número do *Esquina* nós fechamos mais um ciclo de nossas vidas e da própria existência do jornal. Temos consciência que esses círculos não saíram perfeitamente redondos, mas todos carregamos conosco a alegria de termos nos esforçado para que eles continuem girando a busca da inatingível perfeição.



## esquina

**Reitor**

João Herculino de Souza Lopes

**Vice-Reitor**

Edevaldo Alves da Silva

**Pró-Reitor Acadêmico**

Getúlio Américo Moreira Lopes

**Pró-Reitor Administrativo-Financeiro**

Eduardo Elia Alves

**Pró-Reitor de Legislação e Normas**

Lauro Franco Leitão

**Secretário-Geral**

Maurício de Sousa Neves Filho

**Diretor da Fac. de Ciências Sociais Aplicadas**

Herminio Augusto de Faria

**Coordenadora do Curso de Comunicação Social**

Márcia Flausingo

**Professor e Jornalista Responsável**

Jorge Duarte

**Professor (Planejamento Gráfico)**

Marcelo Moura

**Editora de Capa e Opinião**

Lana Pinheiro

**Editora Esporte**

Williane Rodrigues

**Editora Política**

Luciana Coutinho

**Editor Educação**

Rafael Pires

**Editora Vida Urbana**

Ana Cristina Silva

**Editor Meio Ambiente**

Tulio Coutinho

**Editora Cultura**

Tais Morais

**Foto Capa**

Renata Neres e Simone Rigueti

**Tiragem**

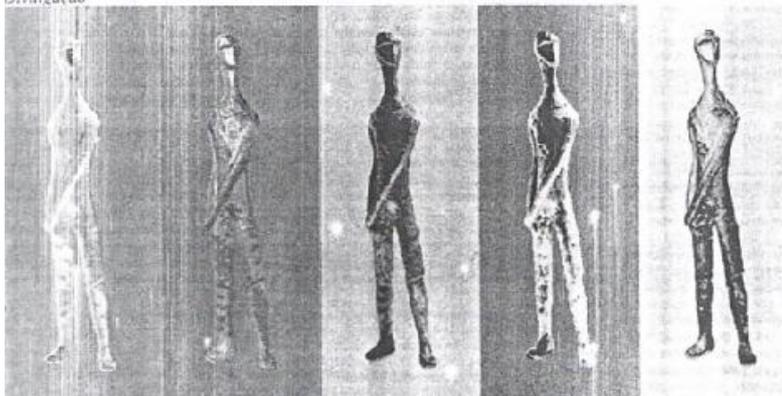
3.000 exemplares

# Esquina

Novembro de 2002

Jornal Laboratório do UniCEUB Brasília - DF

Divulgação



## ° Festival de Cinema

Dos dias 19 a 26 de novembro Brasília vai ser palco do mais antigo festival da sétima arte brasileira. Confira! Págs. 20 e 21

## Sobreviventes da rua

Histórias de quem não tem onde morar. Págs. 9 a 11

## Educação

Secretaria de Educação do Distrito Federal desenvolve programa para crianças com altas habilidades. O projeto existe desde 1976 e atende 530 alunos. Pág. 18

## Turismo

Fique por dentro dos ecos do turismo no Distrito Federal. Págs. 14 e 15

Debiane Bezerra



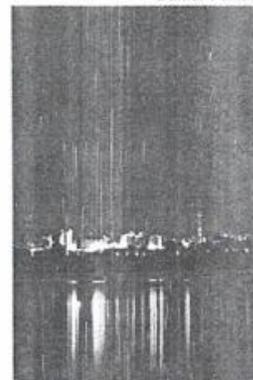
**Lança-perfume: Aparente diversão pode ser fatal!** Págs. 4 e 5

Suplemento

## Todas as cores da noite

A noite em Brasília tem dois lados. Tem a noite dos que aproveitam o escurinho para aprontar e tem a noite daqueles que preferem o silêncio das madrugadas para refletir, trabalhar ou, passem, dormir! Os repórteres do **Esquina** invadiram os espaços noturnos para descobrir o que os brasilienses gostam de fazer nesse período em que, como diz o ditado, todos as gatas e gatos são pardos.

Daniel Farias



Esquina novembro de 2002

## Editorial

Terceira edição do Esquina neste 2º semestre de 2002. Como sempre, a nossa correria para alcançar a informação exata para os leitores foi a mesma.

Tamanha essa preocupação que, para a repórter da editoria de Saúde Debianna Bezerra, encontrar suas fontes foi tarefa árdua. A matéria, uma das chamadas de capa, trata de um assunto delicado e presente na vida dos jovens: as drogas.

Muitas famílias ainda não conseguiram promover uma boa relação com seus filhos e isso, sem dúvida, dificulta uma orientação de cunho preventivo.

Mais conhecida como lança-perfume, esta droga pode se tornar a porta de entrada para outras muito piores. Moda no carnaval brasileiro desde 1966, a droga hoje é consumida em qualquer época do ano e por qualquer motivo. Muito usada nas noites de Brasília, a química do lança-perfume proporciona uma rápida sensação de prazer e embriaguez, mas pode levar à morte.

Na editoria de Cultura, o leitor poderá se informar sobre o 35º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. O evento acontece entre os dias 19 e 26 de novembro. Você poderá conferir um histórico dos festivais que aconteceram na cidade. Neste histórico, uma interessante relação entre os acontecimentos de cada época do festival.

No suplemento desta edição, os leitores poderão acompanhar um roteiro completo da noite de Brasília. São várias opções de programas para todos os tipos de gosto, tanto para os que apreciam uma boa noiteada quanto para os que preferem aproveitar a noite para estudar ou fazer outras coisas.

Destaque para a matéria da repórter Marina Cordelro sobre o Complexo de Diversões Sul, o Conic.

## Opinião

## Uma boa faxina

Eduardo Manhães - professor do UniCeub

Praticamente todos os parlamentares ligados à CBF fracassaram em sua tentativa de reeleição. De 14 que buscavam mais um mandato, dez foram reprovados. O exemplo mais evidente ficou por conta do presidente do Vasco da Gama, Eurico Miranda (PPB-RJ), que apareceu como envolvido nas duas principais comissões que investigavam irregularidades no futebol: a CPI da Nike-CBF e a CPI do Futebol, instalada no Senado", segundo a Folha de S. Paulo.

Indubitavelmente, nas eleições do dia 6 de outubro, a população votou contra o governo e os partidos de sua base e contra a utilização indevida dos espaços públicos estatal e não estatal, o fisiologismo e o patrimonialismo. A chamada "bancada da bola" é o infeliz vértice desses dois vetores. É um conjunto de parlamentares que utilizou reiteradamente espaços do Estado e de entidades privadas de interesse social, da esfera pública da sociedade, em favor de interesses particularistas, pessoais, indevidos e mesmo inconfessáveis. O povo percebeu e abriu de lona para eles.

Esse tipo de prática, ilegítimo e antiético, tem origem no modo como foi pro-

vocado o Brasil. Em 1530, por aqui chegou Martim Afonso de Souza, um homem a quem o Rei concedeu poderes de Estado, a quem foi dada competência para mandar prender e soltar, cobrar tributos e ficar com uma "comissãozinha". Por sua bravura e lealdade, foi-lhe conferida fidalguia, atributo que justificava seus poderes de Estado e que está na origem de nossas oligarquias.

Estava constituído o "homem cordial", do modo como fora definido por Sérgio Buarque de Holanda: a pessoa que media a relação da lei com os meros indivíduos, concendendo-o a lei e o usufruto de benesses como cortesia a seus afilhados e como sanção aos que não lhe são simpáticos. Estava consagrada um tipo de prática que, como diz o professor Lúndee Braghini, está condensada na máxima: "aos amigos tudo, aos inimigos a lei".

Foi isso que o povo identificou na tal "bancada da bola". Um grupo de malandros que se servem dos clubes e do esporte de sua paixão. Pau neles. Um amigo meu estarrecido, encaminhou-me o seguinte e-mail que remetera para o *Correio Brasiliense*:

- Hoje (04 outubro), às 10h20 da manhã, a Taça Fifa,

que está em Brasília para que a população possa admirá-la, estava "passando" no supermercado Bom Motivo do Lago Sul. Surpreendente, pois o supermercado não consta na "agenda" da taça, mas ao lado dela estava o candidato, e chefe da delegação na Copa 2002, Weber Magalhães, um "homem motivo". As pessoas que fiziam suas compras tiveram a oportunidade de levantá-la, tirar fotos ao lado e tudo mais que todos os brasileiros gostariam de fazer, mas é uma pena que uma conquista coletiva tenha uso político. Um absurdo!!!"

Weber Magalhães certamente acha Ricardo Teixeira um homem muito cortês. Mas como as pessoas tiraram retrato com a taça que lhes pericence e não a seu eventual transportador, não votou nele. Melhor, terá quatro anos para jogar baralho e trocar cortêsias com Eurico. Mas será que se pode esperar algum tipo de amabilidade do Fúcio?



## Expediente

Reitor  
João Heráclito de Souza Lopes

Vice-Reitor  
Edevaldo Aves da Silva

Pró-Reitor Acadêmico  
Gebúlio Américo Moreira Lopes

Pró-Reitor Administrativo-Financeiro  
Eduardo Elias da Silva

Pró-Reitor de Legislação e Normas  
Lauro Franco Leão

Secretário-Geral  
Maurício de Souza Neves

Diretor da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas  
Hermínio Augusto Faria

Coordenadora do Curso de Comunicação Social  
Márcia Flávia

Professor e Jornalista Responsável  
Roberto Seabra

Professora (Planejamento Gráfico)  
Cristiane Dias

Editora de Capa  
Iris Bars

Editor de Opinião  
Rafael Padilha Nogueira

Editora de Cultura/Comportamento  
Richele de Castro

Editor de Política  
André Carravilla

Vai ser preciso "um bom motivo".

Editor de Esportes  
Carlos Eduardo Freitas

Editor de Cidades  
Daniel Farias

Editoras de Turismo  
Carolina Monteiro e Maria Cristina Costa

Editora de Saúde  
Cintia Eunice Souto Castro

Tiragem  
3.000 exemplares



**Esquina**

Jornal Laboratório da UniCEUB

Suplemento - Novembro, 2003

# Amor: verbo brasileiro

Um retrato completo das várias  
formas de se relacionar na cidade

<p><b>Casa-separa</b></p> <p>Ao mesmo tempo em que é um dos lugares do país onde mais se realizam casamentos, Brasília é recordista nacional no número de divórcios</p> <p>Página 03</p>	<p><b>À moda antiga</b></p> <p>Por influência da religião, adolescentes evitam o sexo durante o namoro e se guardam para depois do casamento</p> <p>Página 05</p>	<p><b>Mais pimenta</b></p> <p>Procurando uma noite picante? Guia completo dos serviços eróticos que a cidade oferece para os mais liberados</p> <p>Páginas 08 e 09</p>	<p><b>Paixão em excesso</b></p> <p>O drama das mulheres que, por amar demais, precisam de ajuda para se livrar da obsessão e ter de volta uma vida normal</p> <p>Página 10</p>
--	---	--	--

## Editorial

## Os amores de Brasília

Sabidamente, Caetano e Milton cantaram que toda maneira de amar vale a pena. Na preparação deste suplemento especial do Esquina descobrimos a verdade da afirmação e mais: Brasília comporta todas as formas de amor.

Na cidade, recordista nacional em número de casamentos, há muitas histórias de felizes encontros. Sjam eles inusitados, como a união entre a modesta Neemi e o umbraloso Tobias, sejam eles maduros, como o de João, 78 anos, e Alice, 65, sejam eles corajosos, como o de Alessandro e Rosana, que não tiveram a deficiência mental impedir que se amassem.

Na diversidade andares há espaço para todos. Para André e Cláudio, que se conheceram pela Internet; para Fábio e Rafaela, que acreditam que o sexo deve ser guardado para depois do casamento; e para aqueles que acham a vida a dois monótona e optam pela prática do swing.

Isso mesmo, Brasília também tem seu lado mais picante, que você pode conferir no nosso guia erótico, com dicas para quem quer noites e relacionamentos mais apimentados. Mostramos também as histórias de mulheres que amam outros homens, mulheres que amam outros homens. Mostramos Brasília do ponto de vista do amor. Do ponto de vista de Neemi, Tobias, João, Alice, Rosana, Alessandro, André, Cláudio, Fábio, Rafaela...

Humberto Rezende

## Expediente

Professor responsável:  
Luciano MilhomemEditor:  
Humberto RezendeSubeditores:  
André Cardoso  
Beatriz Lima  
Gustavo Noblat  
Maureen Reis  
Rosemary Scuto  
Thalita CostaDiagramadores:  
Bianh Gasparotto  
Carlos Eduardo Dias

## CRÔNICA

## Tempo jamais perdido

"Dicitada, morta, era tão grande quanto um cavalo morto. Macabêa morreu. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morreu..."

O casal sentado ao centro da platéia do Teatro da Caixa era o símbolo do antagonismo tolerante. Ou qui use tolerante. Esse "quase" deve-se à postura quase deitada de Léo, refestelado na poltrona desconfortável, desperto subitamente por um bocejo mais abrupto. Era esse o tratamento dado por ele à encenação de *A Hora da Estrela*, de uma tal escritora ucraniana, a "boa da night" sugerida por Daniela, que por sua vez esbugalhava os olhos para captar as entrelinhas fugazes das palavras e dos gestos, numa determinação de locomotiva.

Léo tinha proposto uma duzadinha no Gale's. "O Mira Reggae vai tocar lá", persuadiu. Com seu ar aristocrático-in, Daniela deixou claro com um olhar apenas que a noite enveredaria por caminhos mais, digamos, reflexivos. Mas o abestalhado rapaz não desistia. "Acho que aquele sanduiche do Giraffas me fez mal", fingiu Léo, ao tentar dissuadir Daniela a qualquer custo, tudo para não ficar duas horas enfurnado num teatro escuro assistindo a uma peça "chata". Santo sacrilégio.

O pior estaria por vir. Daniela, com seu vasto conhecimento cultural adquirido em três faculdades - jornalismo, letras e cinema -, já havia elaborado a programação para todos os finais de semana de outubro - Brasília estava com a cena teatral em erupção e, para martírio de Léo, ainda estavam no dia 4, quatro. *Post scriptum*: Léo deveria ir a todas as peças. Do contrário, Daniela poria fim ao enlace, e o apaixonado rapaz padeceria. "Namorado que não me acompanha ao teatro não demora muito comigo!", sentenciava.

Léo era um igual. Cursava nutrição - que, segundo Daniela, era o cúmulo do desperdício de intelectualidade. "Cê quer ser cozinheiro?", brama. Seus 22 anos disfarçavam o semblante senil, re sereno, escondido atrás de uma barba rala e asquerosa, típica dos que saíram há pouco da puberdade. Sua coleção de playmobil, que era uma das coisas que Dani (a essa altura do texto, já estamos íntimos dela, podemos chamá-la assim) mais odiava nele, depois de suas meias furadas, constituía uma ameaça constante ao namoro, como a iminência de queda de toda estalactite exatamente acima de

nossa cabeça.

Corte de cabelo rente ao couro cabeludo, jeito despreocupado de quem faz guerra de papel higiênico molhado com os amigos de faculdade, suas camisas da Ocean Pacific (a famosa OP), suas calças de carpinteiro da Company, seus tênis da Redley, peças de um vestuário renitente que Dani também odiava. Tudo em Léo era o que ela nunca seria. Ele, cujo maior prazer era a camelinha "Light" dourada e preta (ele ainda não havia descoberto o sexo direito), queria levar a namorada ao show de uma tal banda chamada Capital Inicial no Fook's, antiga lanchonete onde antes existia o também extinto Cine Karim. Justo no primeiro dia de "programação cult" da amada. A turnê-teatral-a-dois ainda o faria perder o show do Aborto Elétrico, na Funarte, que anunciaria nova formação e novo nome; o do Beta Pictoris, na Concha Acústica; o do Cólera, "melhor banda punk do mundo, até mesmo melhor que Sex Pistols", delirava; o do Liberdade Condicional etc.

Teatro, exposição de artes plásticas, sarau. Nem imaginava que seria obrigado a conhecer outras formas de vida fora de seu Planeta Hambúrguer quando começou a namorar aquela menina de cabelo vermelho e curto. Cinema, ele só iria se fosse para ver *Top Gun* e, segundo ele, "aquela deusa da Michelle Pfeiffer". Mas a desculpa não soava verossímil: Dani conhecia - e também odiava - sua coleção de aviões em miniatura. De comportamento e cabeça alados, Léo queria também pilotar aviões de guerra. Na escola, todavia, só tirava nota vermelha em física e educação física.

Daniela era uma exímia esgrimista. Seu pai fora campeão europeu na juventude. Descendente de poloneses marxistas, vivia com os livros de Kafka e Campos de Carvalho debaixo do braço. No toca-fitas do carro, uma Variant praticada, tocava The Who, Echo and the Bunnymen, The Bolshoi, Sex Pistols, The Clash, Velvet Underground e por aí vai. Beatles? Jamais! "São robzinhos da indústria cultural", apregoava.

Conheceu Léo na famosa "Roxinha", a festa-símbolo da juventude libertina e roqueira da Brasília dos idos de 70. Ela e suas amigas riem com o Pasquim de Ziraldo e companhia ilimitada à beira da fogueira, talvez sob os efeitos das duas fumaças que agrupava os "little junkies" numa bruma diabólica. Bebado, Léo andava de costas enquanto fazia gestos obscenos para uma mina que tinha lhe

dado um "foco", partilhando gargalhadas testosteronizadas com dois raros jogadores de River Raid.

Deu-se o enredo do destino: a trombada em Dani interrompia a caminhada de Léo e dava início a uma história tórrida e amorosa. Era um ciclo na vida de Léo que se fechava. Dos "tocos" das meninas de 13 passava enfim para a lida com aquela Radical Chic que segurava um cantil com tequila mexicana. "Você é igualzinha àquela menina moderninha de cabelo encarnado e curtinho da revista" foi o máximo de apuro intelectual esboçado por Léo para iniciar o diálogo com aquela que o encantou de pronto. "E você parece um soldadinho de chumbo...", disse uma Dani imersa nas próprias gargalhadas. Tinha até esquecido a porção de tequila derramada por Léo em sua camisa, que umedecia sua pele sob as rendas compradas na Feira da Torre.

O resto não é preciso ser dito. Meia dúzia de palavras fluindo entre olhares hipnotizados e o beijo logo os uniria. O encontro de *L'Enfant Terrible* com *O Extremador do Futuro*. Versos de Pessoa e frases de banheiro de colégio em comum. O resto, como se dizia, é piégas demais para vir à tona.

Toda a intelectualidade de Daniela, adquirida em intermináveis dias de ortodoxa educação polonesa, rendia-se à insolência doce de Léo. Nesse caso, os opostos se atraíam para arrancar-lhe do rosto o sorriso de desdém e superioridade com o qual a prodigiosa pequena olhava os bratamontes da urbe. No caso de Léo, sua intenção de tatuar o Gato Félix no antebraço começava a dar lugar aos acordos de uma banda que despontava no DF, uma tal de Legião Urbana, cujo show de Funarte tinha sido trocado pela peça *Pedro e Lobo*, de Prokofiev, no acionchego sorumbático da Sala Martins Penna.

O casal seguiu firme. Como Brasília, que conserva o ar campesino dos vilarejos em algumas paragens e cantos de entrequadras (ares de Léo), ao passo que leva em sua veia urbanística o despojo arrojado da arquitetura de Niemeyer (ares de Dani).

Alguns relacionamentos são mesmo pré-figos. Unem opostos à primeira vista inconciliáveis, unem iguais, destroem, erigem, confundem, separam, mas mantêm seu compasso: liga um(s) ao(s) outro(s) pelo simples intuito de tatuar a pele: as trajetórias pessoais com a tinta do encontro.

Dois filhos homens, duas lindas meninas, uma casa na Chapada dos Vealheiros, shows da Piche Rude nos aniversários, e três viagens para Maracajipe por ano. Quem disse que o antagonismo repele os opostos? Eis a temosa arte do destino. Um tempo jamais perdido.

Fábio Góis

Bibliotecas públicas no Distrito Federal vivem história de descaso do governo pág. 7



**ZUENIR VENTURA:**  
No lançamento do livro "Minhas histórias dos outros" ele fala sobre censura, violência e MST

pág. 4

**BOLSA ESCOLA:**  
Como vive hoje a primeira família beneficiada pelo programa no Distrito Federal

pág. 5

**esquina**  
**bolsa**

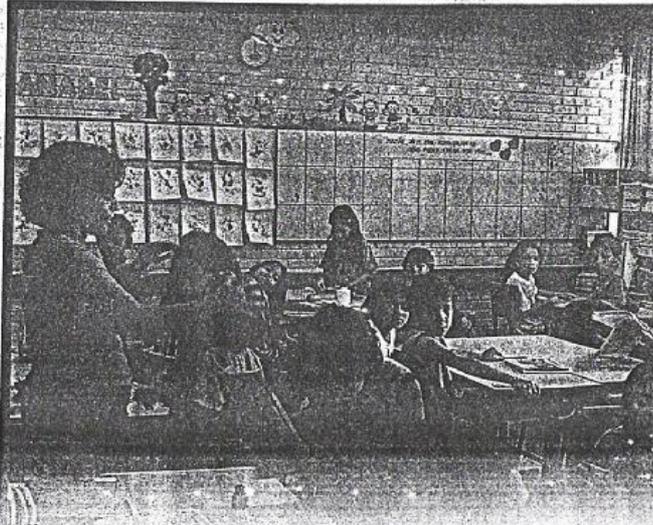
Brasília - DF Junho 2005

*Associações de Pais e Mestres são responsáveis pelas melhorias*

## GOVERNO ABANDONA ESCOLAS MODELO DE BRASÍLIA

**MST:**  
o mais atuante movimento social do país divide opiniões da sociedade  
pág. 3

**DIVERSÃO SILENCIOSA:**  
Em Brasília, pessoas com deficiência auditiva se encontram e criam guetos  
pág. 5



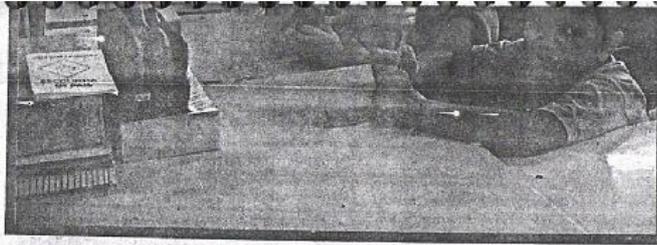
Apesar da rede de ensino do Distrito Federal ter conseguido aumentar o número de crianças matriculadas, a qualidade de ensino não tem seguido os mesmos passos. As escolas consideradas modelo também estão perdendo a qualidade e a maioria delas só desenvolve um bom trabalho devido a ajuda financeira dos pais e da comunidade.

Escola chegou a receber R\$2.500,00 no ano passado pelo Governo Federal.

pág. 6

**SAÚDE:** Hospital São Vicente de Paulo em

**RECICLAGEM DE LIXO: Anteprojeto de lei vai estabelecer Política Nacional de Resíduos Sólidos.**  
pág. 4



**Itaguatinga luta para continuar existindo**

pág. 8

**OUTRO PAÍS: tentar contruir nova vida fora do Brasil pode se tornar um grande pesadelo**

pág. 3

**Suplementos**

**Cenário: Líderes que traem**



Os líderes podem trair seus ideais por vários motivos: pressão, conveniência ou mesmo chantagem. Seja na política, esporte, religião ou ficção, muitos líderes entram em contradição e frustram seus seguidores. Na primeira edição de *Cenário*, Traição de Lideranças

**Esquina 30 anos**

Este jornal laboratório completa trinta anos. As diferentes experiências dos alunos que fizeram parte dessa história é ilustrada década a década em encarte especial. A publicação discute o papel do jornal laboratório na formação dos jornalistas.



**Esportes radicais... e diferentes**

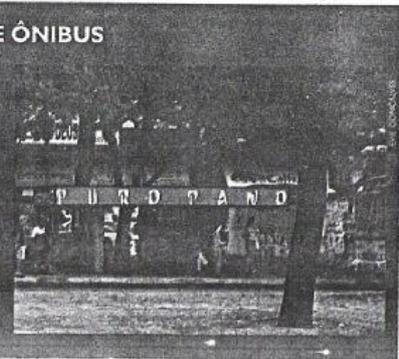


Bolas com alças de couro, canoas com bananas nas laterais e bolas chamadas de bocha são os materiais esportivos utilizados na prática do Horseball, Canoas Havaiana e Bocha respectivamente. Pouco conhecidos pelo grande público, esses esportes têm atletas espalhados pela cidade.

pág. 10

**ESPECIAL PARADAS DE ÔNIBUS**

Nossos repórteres fizeram um mapa das paradas com maior incidência de crimes a acompanharam histórias de quem já esteve em situações de perigo. A PM assegura que atua para reduzir o risco para os usuários dos ônibus.



págs. 12e 13

## ANEXO B

Entrevista com o professor: Marcone Gonçalves dos Santos.


 Sábado, 25 de junho de 2005  
 Olá,  
[leila.dourado@bol.com.br](mailto:leila.dourado@bol.com.br)

BUSCA NA WEB  OK | AJUDA | SAIR

[Escrever](#) | [Chegou e-mail?](#) | [Buscar mensagens](#) | [Opções](#) | [Endereços](#)

### Leitura de mensagens

[Responder](#) | [Responder a todos](#) | [Encaminhar](#) | [Apagar](#) | Mover para

[Anterior](#) | [Próxima](#)

Seus e-mails podem ser lidos no celular. [Saiba como](#)

**De:** Marcone Goncalves dos Santos

**Para:** leila.dourado

**Data:** 12/04/2005 14:45

**Assunto:** RES: Entrevista Marcone

**Cópia:**

 Bloquear remetente  
 Adicionar remetente  
 Exportar mensagem  
 Imprimir mensagem

Perguntas sobre o jornal-laboratório Esquina.

1- Qual o seu nome?

[Marcone Gonçalves dos Santos.](#)

2- Qual a sua idade?

[34.](#)

3- Quem edita o jornal?

[Os alunos escolhidos por mim que formam a equipe editorial \(Editor chefes, quatro editores adjuntos e os demais alunos que produzem matérias e fazem a edição e diagramação das páginas\).](#)

4- Existe um público alvo do jornal?

1,5 mil jornalistas, 1 mil alunos do nível médio, 500 alunos, professores, autoridades e funcionários do Ceub.

5- Em caso afirmativo, na confecção das pautas existe uma preocupação com o público alvo?

O jornal laboratório tem a preocupação de fazer o melhor texto jornalístico de modo que possa despertar o interesse dos profissionais de comunicação social que atuam no mercado. Ele é um produto de jornalismo e não especificamente do curso.

6-O jornal tem periodicidade? Ela influencia na linha editorial?

A partir deste semestre, são três edições e um suplemento especial.

8-Nas definições de pauta existe a preocupação em abordar temas sociais?

A pauta deve ter o máximo de critério de noticiabilidade, quaisquer que sejam os temas abordados.

9-Existe a interferência da Direção do UniCeub nas definições de pauta?

Nenhuma.

10-O Senhor acha importante que um Jornal-laboratório, tenha uma linha editorial definida?

Quem tem que definir a linha editorial são os alunos. O jornal é uma obrigação pedagógica não faz parte das estratégias de marketing de modo que não cabe engessá-lo sob nenhum aspecto.

11-O Senhor acha que com a experiência da disciplina, Jornalismo Comunitário, o aluno vivencia na prática as preocupações com a comunidade?

Com a mudança curricular a disciplina ficou centrada no jornal laboratório. Mas nesse caso, acho que há um problema de se definir o que é comunidade em uma cidade como Brasília de modo que tal disciplina não atende, necessariamente, os parâmetros para a produção laboratorial de um jornal.

12-O Senhor acha que o Jornal-laboratório poderia cumprir uma função social?

Não poderia e nem deveria. Ele deve ter como meta a prática pedagógica. O que não significa que não deva ter preocupação social, pois pode estar voltado para temas de interesse de comunidades específicas. Mas para que isso ocorra é preciso que os alunos exercitem da melhor maneira o jornalismo, antes mesmo do social.

13-Como é feita a distribuição do jornal?

Os próprios alunos distribuem nas mesas das redações dos principais jornais, sucursais e comitês de imprensa em Brasília, além de distribuir para algumas turmas do curso de jornalismo.

14-Quantas páginas tem o Jornal?

16 standards.

15-Como é feita a divisão do Jornal?

Os alunos definem as editorias. Atualmente temos: Brasil (Política, Economia, Saúde e Terceiro Setor), Comunidade, Esporte, Especial (Grande reportagem), Cultura.

16-Como é feita a divisão dos trabalhos entre os alunos?

Eles recebem uma orientação sobre prazos, regras e procedimentos e definem, em cada grupo, como fazer e quem fará o que durante todo o processo.

17-O Senhor acha que os alunos se sentem motivados com a confecção do Jornal-laboratório?

O saudoso professor Obliziner comparava o momento de produção do jornal laboratório, no jornalismo, ao momento em que o aluno de medicina abria um cadáver: ou seja, precisa utilizar o máximo dos conhecimentos adquiridos no curso para poder executar bem suas tarefas. Essa é a grande motivação e o sentido do jornal laboratório.

-----Mensagem original-----

De: leila.dourado [mailto:leila.dourado@bol.com.br]

Enviada em: terça-feira, 12 de abril de 2005 14:13

Para: Marcone Goncalves dos Santos

Assunto: Entrevista Marcone

Anterior | Próxima

Responder

Responder a todos

Encaminhar

Apagar

Mover para

a pasta



Escrever

Chegou e-mail?

Buscar mensagens

Opções

Endereços



**UOL Fotoblog**  
crie o seu, é grátis!

SAIBA MAIS

[Condições de uso do BOL](#) | [Sobre o BOL](#) | [Política de privacidade](#) | [Anuncie](#) | [Registre-se no BOL](#) | [Trabalhe no BOL](#) | [Ajuda](#)

a sua senha por e-mail ou telefone

## ANEXO C

Artigo: Escolher a coisa certa, p. 2.

## Escolher a coisa certa

 Paulo Paniago\*

*Havia deixado o cargo de subeditor de um caderno semanal, o Pensar, publicado no Correio Braziliense, e fazia a transição para o ambiente acadêmico, quando me ofereceram a disciplina do jornal-laboratório. Iria fazer o Esquina, e para falar francamente não tinha o jornal em alta conta. Isso foi em 2003. Textos longos demais, fotos ruins, revisão sofrível. Nada bom, mas ao mesmo tempo um desafio e tanto. Não poderia recuar diante da responsabilidade de fazer alterações radicais. Afinal, a vantagem do jornal-laboratório é exatamente essa: liberdade de experimentar.*

*Para minha sorte, a turma correspondeu. Propus o projeto: para começar, reduziríamos a chamada de capa para apenas uma, no máximo duas. As matérias deixariam de ser textos enormes, para ganhar outro caráter, ou seja, o texto principal dá o assunto e depois é complementado por um adereço: análise da notícia, artigo, entender o caso, entrevista, frase, glossário, hipertexto, linha do tempo, memória, número, perfil, personagem, ponto crítico, saiba mais, serviço, texto legenda.*

*Além disso, daríamos ênfase a uma imagem caprichada, que conversa com o texto, em vez de brigar. Teríamos pessoas responsáveis pelo projeto gráfico e mudança de tipologia, pela revisão, pelas fotografias, pregamos um fluxo das pautas (um quadro que acompanhava minuciosamente o que cada um deveria estar fazendo), enfim, era muita coisa. Mas deu certo.*

*Pedimos ao professor de*

*publicidade Luciano Mendes que fizesse uma logomarca para o jornal. Ele apresentou três projetos distintos, todos de alto nível. A escolha da marca foi feita coletivamente e o Esquina passou a ter o mesmo cabeçalho em todas as edições. Julgava que isso era importante, uma vez que são apenas quatro edições por semestre e o público, variável. Para meu orgulho (e creio que para o do Luciano também), essa logomarca permaneceu inalterada até recentemente.*

*Também fiz, com ajuda dos alunos, um manual de redação para normalizar certos procedimentos. Sei o quanto manuais são mal vistos, geralmente entendidos como camisas de força. Não houve impressão do manual, mas todos tinham cópia. Foi importante inclusive porque alguns textos do manual serviam de dicas úteis sobre apuração, fechamento, além de ter glossário de termos jornalísticos e gramática. Não dava para admitir alunos do sétimo semestre, prestes a ingressar no mercado de trabalho, sem saber empregar os "porquês", errar na concordância verbal ou nominal, desrespeitar as crases ou escorregar nas vírgulas.*

*Claro, nem tudo foi ouro. Brigamos e batemos cabeça, o que é normal em qualquer redação de jornal em que as coisas são feitas com seriedade. Afinal, jornalismo também envolve paixões e sempre há a turma que trabalha para que tudo dê certo enquanto os espertos querem sombra e água fresca. É do ser humano essas desigualdades, e elas provocam fúscas.*

*A primeira vez que divulguei as notas, por exemplo, foi um Deus*

*nos acuda. Os alunos imaginaram estar indo muito além das expectativas, mas o fato é que o nível de exigência foi mantido bem elevado – só assim funcionaria, como de fato creio que funcionou. Há um caso que ficou lendário. Ao decidirmos uma pauta a respeito do escritor "brasiliense" Samuel Rawet, a aluna encarregada dela, Ana Rita Gondim, ficou uma fera: sentia-se despreparada, não se interessou, enfim. Fui ríspido com ela, mas porque sabia que ela tinha condições, e insisti. A medida que começou a apurar, ela foi se empolgando, o texto cresceu. Ela "exigiu" capa, arrumou foto do escritor – na verdade, comprou do Correio, fotos de Rawet são raras. Ou seja, Ana Rita brigou pela pauta com unhas e dentes, exatamente como deve fazer o bom repórter.*

*O jornal-laboratório é um cartão de visitas que o aluno tem para apresentar ao futuro mercado de trabalho. Então, está claro que agora deve começar a se preocupar menos com a menção do que a mostrar a que realmente veio.*

*No fundo, queria que entendessem que abraçaram uma profissão árdua, esfalfante, mas que tem momentos altamente compensatórios. Uma pauta bem apurada, bem redigida, com acabamento de qualidade, naquele dia em que o diagramador amanheceu inspirado, quando tudo parece conspirar para que o resultado seja excelente, aí você entende que escolheu fazer a coisa certa.*

*\* Paulo Paniago é professor da disciplina Redação para Mídia Impressa.*

 <p>Jornal Laboratório dos alunos do 6º semestre do curso de Comunicação Social do UniCEUB</p>	<p>Centro Universitário de Brasília</p> <p>Reitor: Américo Moreira Lopes  Vice-Reitor: Edevaldo Alves da Silva  Pró-Reitora Acadêmica: Elizabeth Manzur  Pró-Reitor Administrativo e Financeiro: Edson Elias Alves da Siva  Pró-Reitor de Legislação e Normas: Lauro Franco Leitão  Secretário Geral: Maurício de Souza Neves Filho  Diretor da FASA: Joel Jorge Filho  Coordenadora do Curso de Comunicação Social: Mara Gláucia Magalhães</p>
---	---